

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Janaína Oliveira Santos Silvestre

FÉ E TRADIÇÃO
A Folia de Reis da comunidade de Alto do Rosário
Dom Basílio - BA

Taubaté - SP
2019

Janaína Oliveira Santos Silvestre

FÉ E TRADIÇÃO

A Folia de Reis da comunidade de Alto do Rosário

Dom Basílio – BA

Trabalho de Graduação apresentado ao departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté, como parte dos requisitos para colação de grau no curso de História.

Orientação: Prof^a. Dra. Maria Fátima de Melo Toledo

**Taubaté - SP
2019**

SIBi - Sistema Integrado de Bibliotecas – UNITAU

S587f Silvestre, Janaína Oliveira Santos
Fé e tradição: a Folia de Reis da comunidade de Alto do Rosário Dom Basílio - BA / Janaína Oliveira Santos Silvestre. -- 2019.
68 f. : il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté, Departamento de Ciências Sociais e Letras, 2019.
Orientação: Profa. Dra Maria Fátima de Melo Toledo, Departamento de Ciências Sociais e Letras.

1. Cultura popular. 2. Folia dos Reis. 3. História oral. 4. Memória. 5. Tradição. I. Título.

CDD – 907.20981

Janaína Oliveira Santos Silvestre

FÉ E TRADIÇÃO

A Folia de Reis da comunidade de Alto do Rosário

Dom Basílio - BA

Trabalho de Graduação apresentado ao departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté, como parte dos requisitos para colação de grau no curso de História.

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Maria Fátima de Melo Toledo

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Prof. Me. Armindo Boll

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Prof^a. Dra. Rachel Duarte Abdala

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Dedico a todos os dombasilienses,
em especial aos reiseiros e devotos da
nossa folia de reis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, aos Santos Reis e a Nossa Senhora Aparecida por quem tenho muita devoção.

À minha família, meus pais Lúcia e Antônio, meus irmãos Kelly e Júnior, que são meus alicerces, minha base, minha vida. Pelo incentivo, não me deixando desistir nos momentos mais difíceis.

Ao meu marido Diego, o grande amor da minha vida, que me incentivou na realização desta faculdade, pelo amor, força e paciência.

Aos meus sogros Alice e José, por todo carinho e apoio e ao meu afilhado Henry, por todo amor e por alegrar a minha vida.

À minha orientadora, Prof^ª. Maria Fátima de Melo Toledo, pela confiança e pelas correções.

Aos meus supervisores de estágios José Eduardo Manfredini e Karina Tedesco, pessoas que mesmo depois de muitos anos de docência continuam ensinando com amor e dedicação.

Aos projetos Taubaté Tempo e Memória e Educação Patrimonial, que forneceram uma experiência expressiva para minha formação.

Aos reiseiros e devotos de Alto do Rosário, por doar um pouco de seu tempo e conhecimento para a pesquisa.

Aos meus tios José Semeão (*in memoriam*) e Pedro Semeão (*in memoriam*), que dedicaram alguns anos de suas vidas ao Reisado e sempre levaram alegria aos encontros de família.

A todos os professores, que contribuíram durante a minha graduação, por todos os conhecimentos compartilhados.

Às minhas amigas Ana Paula, Ana Cláudia e Josiele, que tanto me incentivaram, pela paciência de me ouvir contando cada detalhe da pesquisa. Vocês são especiais!

A todos os meus familiares e amigos, que me ajudaram durante alguns passos da pesquisa, sem vocês essa conquista não seria possível. A todos, muito obrigada!

“Ando devagar porque já tive pressa
Levo esse sorriso porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe
Só levo a certeza de que muito pouco eu sei
Eu nada sei ...” Almir Sater

RESUMO

A Folia de Reis é uma manifestação cultural de origem Ibérica, presente no Brasil desde o período colonial e que representa a viagem dos três Reis Magos a Belém levando presentes ao Menino Deus recém-nascido. Esta pesquisa apresenta um estudo dessa tradição na comunidade de Alto do Rosário, um bairro rural da cidade de Dom Basílio – BA, onde esse festejo acontece há mais de 100 anos. Ela teve como objetivo analisar e compreender as especificidades do Terno de Reis nessa localidade. Para a realização deste trabalho, o principal método de investigação baseou-se na metodologia da História Oral. Assim, por meio do registro das memórias foi possível conhecer algumas das características do reisado de Alto do Rosário. De tal forma que ela possa contribuir para a preservação da história dos reiseiros, dos devotos e para a valorização dessa manifestação popular e religiosa no município do sudoeste baiano.

Palavras-chave: Cultura Popular. Folia de Reis. História Oral. Memória. Tradição.

ABSTRACT

The Folia de Reis (three wise men revelry) is an Iberian cultural heritage in Brazil since the Colonial Period whose celebrates the three wise men's journey to Bethlehem carrying gifts to Christ Child. This research presents the centenary cultural heritage at Alto do Rosário community, a rural area from Dom Basílio, state of Bahia. It's objective is to analyze and comprehensive the characteristics about the Reis term to these population. To elaborate this survey, it's used investigation method based on oral history. Thus, by way of memories register could be known some aspects of Alto do Rosário's "reisado" (reisado is a popular folkloric dance of portuguese origin), in order to contribute for preservation of "reiseiros" and devotees, for the purpose of to value this south west Bahia popular and religious tradition.

Keywords: Popular Culture. Folia de Reis. Oral History. Memory. Tradition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Os três magos.	26
Figura 2 - Iluminura dos Reis Magos.	27
Figura 3 - Adoração dos magos, 1302 – Giotto.	28
Figura 4 - Adoração dos Magos. 1495. Tríptico de Hieronymus Bosch.	28
Figura 5 - A adoração dos Magos. 1482 (inacabada). Leonardo da Vinci.	29
Figura 6 - Adoração dos Reis Magos. 1475. Por Botticelli.	29
Figura 7 -Adoração dos Magos, 1498-1518. Vicente Gil e Manuel Vicente.	30
Figura 8 - Somos os três reis. 2003, James C. Christensen.	31
Figura 9 - Bandeira de folia de reis.	35
Figura 10 - Palhaços ou bastiões.	36
Figura 11 - Localização de Dom Basílio em relação a Capital Salvador.	39
Figura 12 - Frei Manoel Olympio.	41
Figura 13 - Igreja de São João Batista.	42
Figura 14 - Grupo de Reseiros de Alto do Rosário.	48
Figura 15 - Reiseiros cantando o Reis da Porta.	49
Figura 16 - Reiseiros cantando em frente ao presépio.	51
Figura 17 - Bandeira do Terno de Reis de Alto do Rosário.	53
Figura 18 - Presépio tradicional em fase de montagem.	56
Figura 19 - Presépio tradicional finalizado.	56
Figura 20 - Presépio montado com outros materiais.	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. ASPECTOS GERAIS: CULTURA POPULAR, MEMÓRIA E TRADIÇÃO.....	13
1.1 Cultura e Cultura popular.....	13
1.2 Memória.....	17
1.3 Tradição.....	21
2. AS FOLIAS DE REIS.....	23
2.1 A origem da devoção aos três Reis Magos e sua representação na arte.....	23
2.2 A festa de Reis: tradição e religiosidade.....	31
2.2.1 Folia de Reis no Brasil.....	33
3. FOLIA DE REIS NO MUNICÍPIO DE DOM BASÍLIO – BA.....	39
3.1 Breve histórico de Dom Basílio – BA.....	39
3.2 A História Oral como instrumento de pesquisa.....	43
3.3 Memória e tradição do grupo de Reiseiros de Alto do Rosário.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.	61
APÊNDICES.....	64
ANEXOS.....	66

INTRODUÇÃO

O conceito cultura traz em si um significado abrangente, sendo explorado de diversas formas, dependendo daquele que o faz e do estudo e objetivo que se busca. Isto é, ele tem uma plasticidade que se adequa às exigências das diferentes ciências humanas. Alguns autores (BOSI; BURKE; CHAUI), definem que a cultura é feita de costumes, símbolos, tradições, conhecimentos, valores, práticas e rituais que criam muitos pertencimentos e modos de vida, muitas vezes guardados na memória e transmitidos para as gerações seguintes.

A Folia de Reis é uma tradição popular ligada às comemorações do Natal e representa a adoração dos Três Reis Magos ao nascimento de Jesus. Ela foi trazida para o Brasil pelos colonizadores portugueses e, ainda hoje, se mantém viva nas manifestações folclóricas de muitas regiões do país.

Em Dom Basílio, essa comemoração ocorre em diversas localidades do município e é acompanhada pelos reiseiros e devotos. Os grupos de reiseiros, como são conhecidos na cidade, nos meses de dezembro e janeiro cumprem rituais tradicionais, como as visitas pelas casas em que há um presépio montado, entoando suas canções, que em sua maioria são de caráter religioso. Dessa forma, acreditamos que a fé e religiosidade popular são elementos que explicam em grande parte a manutenção dessa expressão da cultura popular.

Assim sendo, os problemas da presente pesquisa envolvem as seguintes questões: Quais as características da Folia de Reis da comunidade de Alto do Rosário? Qual a importância do Reisado nas vidas dos reiseiros e devotos, como expressão de sua fé?

Esse trabalho justifica-se pela relevância de pesquisar a história regional, uma vez que ela pode revelar muitos aspectos de um determinado povo e sua cultura. Bem como o reconhecimento e a valorização do reisado de Alto do Rosário como expressão singular daquela localidade, além de contribuir com a preservação da cultura popular no município. É importante ressaltar o vínculo afetivo da pesquisadora com o local e com o tema pesquisado, uma vez que desde a sua infância ela acompanha o Reisado de Alto do Rosário, sendo esse um agente motivador para estudar esse assunto.

Essa pesquisa teve por objetivo, realizar o levantamento da história do atual grupo de reiseiros da comunidade de Alto do Rosário, registrar e compreender, por meio dos relatos orais coletados, suas características tradicionais e seus aspectos particulares, assim como identificar os elementos históricos, simbólicos e culturais da Folia de Reis como forma de manifestação de fé e tradição e buscar hipóteses que expliquem o valor que essa tradição tem para essa localidade.

Para o presente trabalho, inicialmente foram realizadas leituras e fichamentos de textos que apresentam fundamentações teóricas sobre o tema. A metodologia empregada foi a História Oral, fonte de pesquisa que se baseia na realização de entrevistas gravadas e que busca validar experiências que não estão registradas nos documentos escritos.

Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU, as entrevistas foram gravadas e transcritas, e os fragmentos selecionados constituíram parte significativa deste trabalho. O registro dos relatos se deu por meio de gravação em áudio baseado em um questionário, o qual encontra-se em anexo no final deste trabalho.

Na pesquisa de campo os dados coletados foram provenientes das 18 entrevistas realizadas com 8 membros e 10 devotos do grupo de reiseiros de Alto do Rosário. A seleção dos sujeitos foi feita a partir de dois critérios, ou seja, os reiseiros: membros do grupo estudado, e os devotos: pessoas que montam o presépio todos os anos bem como aquelas que acompanham o Reisado. Sendo uma pesquisa qualitativa, teve caráter exploratório tendo em vista a pouca literatura existente sobre a Folia de Reis no município.

Destarte, depois de realizado o trabalho acima, iniciamos a elaboração do texto que segue. No primeiro capítulo buscamos apresentar alguns aspectos gerais das discussões sobre o conceito de cultura, cultura popular, memória e tradição. No segundo, apresentamos uma pequena reflexão sobre a origem da devoção aos três Reis Magos, bem como das Folias de Reis e dessa manifestação no Brasil. Por fim, no terceiro capítulo, apresentamos um breve histórico da cidade de Dom Basílio, a metodologia, as memórias/entrevistas - parte importante desse trabalho, uma vez que foram encontrados poucos registros a respeito do tema na cidade – e algumas características do Reisado de Alto do Rosário.

CAPÍTULO 1

ASPECTOS GERAIS: CULTURA POPULAR, MEMÓRIA E TRADIÇÃO

1.1 Cultura e Cultura popular

Estudar a cultura de uma nação ou de um povo específico não é uma tarefa fácil. Assim como, definir esse conceito é um desafio, visto ser um conceito ainda hoje “aberto”, porém, é um dos principais das ciências humanas. Nas linhas que seguem, vamos discorrer brevemente sobre o conceito deste para então chegar à definição de “cultura popular”.

Esse conceito, segundo o dicionário Houaiss (2009), apresenta vários significados. Vejamos:

1. ação, processo ou efeito de cultivar a terra; lavoura, cultivo; 2. cultivo de célula ou tecido vivos em uma solução contendo nutrientes adequados e em condições propícias à sobrevivência; 3. criação de alguns animais; 4. cabedal de conhecimentos de uma pessoa ou grupo social; 5. conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social; 6. forma ou etapa evolutiva das tradições e valores intelectuais, morais, espirituais (de um lugar ou período específico); civilização; 7. complexo de atividades, instituições, padrões sociais ligados à criação e difusão das belas-artes, ciências humanas e afins.

Percebe-se que ao se tratar do conceito “cultura”, entramos em um campo onde podemos encontrar diferentes abordagens e significados, às vezes até contraditórios. Ou seja, ela enquanto cultivo da terra até expressões e atividades humanas ligadas a altos valores intelectuais e morais. Ao encontro dessa ideia, Cunha (2010, p.22) pontua que o conceito cultura,

É aplicado de forma bastante abrangente, desde o significado de “cultivo” (do verbo latim colere) até sua acepção de “conhecimento científico”, passando por cultura erudita, cultura de massa, cultura popular, entre outros. Também há variações de épocas e lugares. Na Antiguidade, os romanos utilizavam a palavra cultura se referindo a tudo aquilo que o homem vem produzindo ao longo da história como, por exemplo, a educação aprimorada de uma pessoa, seus interesses pelas artes, pela ciência e pela filosofia. De todo modo, é consensual que é o desenvolvimento cultural, e não o biológico, que caracteriza o homem.

Outros autores definem cultura como um conjunto de crenças, costumes, símbolos, leis, arte, conhecimentos e valores aprendidos pelo indivíduo no ambiente

em que está inserido. Ou ainda, em um sentido mais reduzido, toda a produção artística e intelectual deste ou daquele povo.

Na filosofia, Chauí (2000, p. 61) define cultura como “a criação coletiva de ideias, símbolos e valores [...] se manifesta como vida social, como criação das obras de pensamento e de arte, como vida religiosa e vida política”. Já para o historiador Peter Burke (2010, p. 24), não é possível criar um limite preciso do significado exato do conceito cultura. Ela abrange todo um conjunto de manifestações humanas transmitidos de uma geração para outra.

Bosi (2016, p. 11-13), a define a partir da etimologia da palavra, cultura, culto e colonização, que vem do verbo latino *colo*, o qual significa “eu ocupo a terra”. Cultura, dessa forma, teria como significando o que se vai trabalhar, o que se quer cultivar, e não apenas em termos de agricultura, mas também de transmissão de costumes e conhecimento para as gerações seguintes.

Pode-se dizer que para as ciências humanas, o significado mais simples e geral de “cultura” – o que não significa um consenso – é aquele que:

[...] abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, em outras palavras, cultura é aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideias e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica. (SILVA, 2008, p. 85)

Dessa forma, entendemos que todos os grupos humanos, povos, sociedades têm uma cultura própria. Isto é, ela se apresenta de maneira diferente em cada etnia, povos, sociedades, lugar e região do planeta, visto que ela é expressão da vida cotidiana. É a cultura que “dá cara” às pessoas e que as caracteriza. Que as modela e compõe sua identidade. Que as identifica como membro desta ou daquela sociedade, como podemos verificar, por exemplo, nas diferentes sociedades indígenas. Williams (2015, p. 5), neste sentido, afirma que:

A cultura é algo comum a todos: este é o fato primordial. Toda sociedade humana tem a sua própria forma, os seus próprios propósitos, seus próprios significados. Toda sociedade humana exprime estes nas instituições, nas artes e no conhecimento. A formação de uma sociedade é a descoberta de significados e direções comuns, e seu desenvolvimento se dá no debate ativo e no seu aperfeiçoamento, sob a pressão da experiência, do contato, e das invenções, inscrevendo-se na própria terra. A sociedade em desenvolvimento é um dado, no entanto, ela se constrói e se reconstrói em cada modo de pensar individual. A formação desse modo individual é, a

princípio, o lento aprendizado das formas, dos propósitos e dos significados de modo a possibilitar o trabalho, a observação e comunicação.

Sendo a cultura uma herança, ela depende das pessoas para ser transmitida de uma geração à outra, por meio dos ensinamentos e práticas cotidianas. Esta transmissão – seja consciente ou não – se dá mesmo diante das transformações que ocorrem ao longo dos tempos, transformando a maneira de ver, pensar e agir das pessoas, já que ela é o fio, muitas vezes invisível, que conduz as sociedades. Neste processo, muitas vezes ela apenas se reveste com uma roupagem nova, mas continua “ditando” os significados que traduzem as ações, palavras e manifestações do nosso dia a dia. Daí que,

[...] tratando-se de vida social, a cultura (significação) está em toda parte. Todas as nossas ações, seja na esfera do trabalho, das relações conjugais, da produção econômica ou artística, do sexo, da religião, das formas de dominação e de solidariedade, tudo nas sociedades humanas é constituído segundo os códigos e as convenções simbólicas a que denominamos “cultura”. (ARANTES, 2012, p. 35)

Deste modo, a cultura passa a ter um papel fundamental de unir os membros de uma sociedade, o que se dá por meio de suas manifestações, arte, crenças religiosas, organização social, dentre outros aspectos, mantendo viva assim a comunidade. Visto que, “Pertencer a um grupo social implica, basicamente, em compartilhar um modo específico de comportar-se em relação aos outros homens e à natureza”. (ARANTES, 2012, p.27).

Uma vez lançado luz sobre o significado do conceito “cultura”, vamos agora tratar sobre o conceito “cultura popular”, que tanto quanto aquele apresenta vários sentidos e significados.

Certamente, um pesquisador buscará na Antropologia, na Sociologia e na História conceitos e explicações que o ajudam a compreender a “cultura popular” a partir de algo específico que ele, naquele momento, contempla. Outros buscarão defini-la a partir da estrutura de conhecimentos que trazem, tendo frequentemente o senso comum – muitas vezes carregado de preconceitos - como ponto de partida. Já para aqueles que a produzem, que estão mergulhados nela, a traduzirão com gestos e palavras que expressam algo a mais que os olhos dos “expectadores” podem captar, ou seja, sua própria vida ou jeito de ser.

Neste sentido, Arantes (2012, p. 7), afirma que:

“Cultura Popular” está longe de ser um conceito bem definido pelas ciências humanas [...]. São muitos seus significados e bastante heterogêneos e variáveis os eventos que essa expressão recobre. Ela remete, na verdade, a um amplo espectro de concepções e pontos de vista que vão desde a negação (implícita ou explícita) de que os fatos por ela identificados contenham alguma forma de “saber”, até o extremo de atribuir-lhes o papel de resistência contra a dominação de classe.

Assim, quando se fala em “cultura popular”, correntemente – a partir do senso comum –, entende-se como a cultura do “povão”, carregando-a de uma intencionalidade por vezes negativa, ou ainda revestindo-a como coisa de pouco valor, uma “outra cultura”. Isto, segundo Arantes (2012, p. 13 - 14), deve-se pelo fato de que:

Nas sociedades industriais, sobretudo nas capitalistas, o trabalho manual e o trabalho intelectual são pensados e vivenciados como realidades profundamente distintas e distantes uma da outra. [...] Essa dissociação entre “fazer” e “saber”, embora a rigor falsa, é básica para a manutenção das classes sociais, pois ela justifica que uns tenham poder sobre o labor de outros. [...] indica que, a partir dos lugares de onde se fala com autoridade na sociedade capitalista, o que é “popular” é necessariamente associado a “fazer” desprovido de “saber”.

É preciso reconhecer que “cultura popular” é a expressão da vida de uma sociedade, muitas vezes de um grupo específico que traz como fator característico determinadas práticas, costumes, expressões, crenças, e que vai além daquelas denominadas tradicionais ou folclóricas.

Deste modo, trataremos somente de alguns aspectos da cultura popular, os quais estão diretamente ligados ao objeto de estudo deste trabalho. A cultura popular é conhecida como a cultura formada pelo povo e do povo. De acordo com Burke (2008, p. 29),

A ideia de cultura popular ou volkskultur se originou no mesmo lugar e momento que a de história cultural: na Alemanha do final do século XVIII. Canções e contos populares, danças, rituais, artes e ofícios foram descobertos pelos intelectuais de classe média nessa época.

Podemos perceber que quando se fala de “cultura popular”, estamos tratando de algo específico de um povo, grupo ou sociedade que traduz suas crenças, valores e relacionamentos em expressões que compõe uma cultura própria, carregada de história e sentimentos de pertença. Daí a necessidade de pensar a “cultura popular” no plural. Burke (2010, p. 50) afirma que “se todas as pessoas

numa determinada sociedade partilhassem a mesma cultura, não haveria a mínima necessidade de se usar a expressão “cultura popular””.

Para alguns autores, a cultura popular remete ao folclore, compreendida como conjunto de tradições e manifestações populares de uma região ou país. Para Cascudo (2001, p. 240-241), Folclore “é a cultura popular, tornada normativa pela tradição [...] o folclore estuda todas as manifestações tradicionais na vida coletiva”.

Não se ensina o folclore, mas o vivencia. Folclore e cultura popular é uma mistura, e muitas vezes tidos como sinônimos. Folclore é estudo, é a cultura popular em seu modo tradicional e pura, que abrange um conjunto de símbolos socialmente compartilhados de um povo ou grupo por estes mesmos, em diferentes espaços e tempos, transmitidos frequentemente pela tradição oral. A cultura popular e o folclore são conceitos amplos e complexos, mas que cumprem seu papel na produção da sociedade como um todo e, conseqüentemente da cultura desta sociedade. Para Burke, talvez seja melhor “pensar as culturas populares [...] no plural, urbana e rural, masculina e feminina, velha e jovem, e assim por diante”. (2008, p. 41).

Deste modo, nenhuma cultura pode ser julgada ou compreendida pela lógica de outra. Não existe uma cultura superior ou inferior, mas sim diferentes. Cada uma, seja ela simples ou complexa, tem o seu próprio modo de viver. Entendemos que a cultura popular é constantemente reconstruída no presente e que muda e se adapta às novas situações, tendo seus próprios costumes passados de uma geração a outra como forma de resguardar a riqueza do nosso povo, sendo essa uma tarefa social e coletiva, nunca individual.

1.2 Memória

A memória está intimamente ligada à identidade individual e de grupos sociais, uma vez que ela representa lembranças, experiências, conhecimentos e vivências. Podemos dizer que memória é um conjunto de conquistas, que reúne experiências do passado, que é transformada/aprimorada conforme se vive, e é transferida para a geração futura. Em uma palavra, é um ciclo. De acordo com Gonçalves (2010, p. 47), a memória: “É o processo de aprender, armazenar e recordar uma informação [...] a memória é, por excelência seletiva. A questão da

memória é de como ela muda a partir de novas experiências de vida dos sujeitos sociais”.

Assim, a memória é transmitida quase que naturalmente de geração para a geração, visto que ela é a base na qual se constrói outras memórias a partir das experiências vivenciadas pelos sujeitos que a transmitem e a constroem coletivamente.

No campo filosófico, podemos perceber que a memória é uma das maneiras que temos de como se relacionar com o passado e com o presente. Nesta dinâmica, evoca-se personagens, acontecimentos, lugares, paisagens, vivências para explicar o presente, para compreendê-lo, ou apenas para diminuir a distância e saudade – muitas vezes, durante uma conversa entre amigos. Neste sentido,

A memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais. [...] A memória não é um simples lembrar ou recordar, mas revela uma das formas fundamentais de nossa existência, que é a relação com o tempo, e, no tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é, o passado. (CHAUÍ, 2000, p. 158, 164).

Diante disso, entendemos que a memória é a capacidade humana de deter informações das vivências individuais e/ou coletivas. Mesmo depois do surgimento da escrita a memória continua tendo um papel fundamental para a preservação das identidades sociais, da história, dos costumes, das crenças, ou seja, da cultura. A memória é o dispositivo que permite à cultura se manter viva e ser transmitida de geração em geração, guiando o modo de ser e estar de uma sociedade ou grupo, inclusive permitindo que esta identifique e reconheça as transformações ocorridas. Do ponto de vista da teoria do conhecimento, a memória possui as seguintes funções:

- Retenção de um dado da percepção, da experiência ou de um conhecimento adquirido;
- Reconhecimento e produção do dado percebido, experimentado ou conhecido numa imagem, que, ao ser lembrada, permite estabelecer uma relação ou um nexos entre o já conhecido e novos conhecimentos;
- Recordação ou reminiscência de alguma coisa como pertencente ao tempo passado e, enquanto tal, diferente ou semelhante a alguma coisa presente;
- Capacidade para evocar o passado a partir do tempo presente ou de lembrar o que já não é, através do que é atualmente. (CHAUÍ, 2000, p. 163-164)

Com isso, podemos perceber que a memória tem um papel de extrema importância na constituição e no ser social, permitindo reconhecer nos desdobramentos dos acontecimentos aquilo que é próprio, real e imaginário, construtivo e destrutivo. É um instrumento indispensável ao desenvolvimento social e humano, individual e coletivo, pois permite a construção de paradigmas que servirão como critérios de seleção na dinâmica da transmissão destas memórias e da cultura.

Segundo Halbwachs (2006, p. 31), existem dois tipos de memória, a memória individual e a memória coletiva. A memória individual seria aquela em que a lembrança envolve um sujeito e um acontecimento, mas para que essa lembrança se perpetue é necessário que haja um compartilhamento interpessoal, desta forma, passando a ser uma memória coletiva. Conforme Leal (2012, p. 3),

A memória individual [...] está enraizada em diferentes contextos, com a presença de diferentes participantes, isso permite que haja uma transposição da memória de sua natureza pessoal para se converter num conjunto de acontecimentos partilhados por um grupo, passando de uma memória individual para uma memória coletiva. Há, portanto, uma relação intrínseca entre a memória individual e a memória coletiva, visto que não será possível ao indivíduo recordar de lembranças de um grupo com o qual suas lembranças não se identificam.

Deste modo, podemos perceber uma conexão entre a memória geral e a individual, que em alguns casos esta acaba por produzir aquela, porém sendo sempre uma complementação mútua e dinâmica. Ou seja, à medida que uma sociedade vai se desenvolvendo, as memórias individuais vão sendo construídas e conseqüentemente partilhadas, influenciando – direta ou indiretamente – a construção da memória coletiva no presente.

Por exemplo, a descrição de um acontecimento – seja ele histórico ou não – a partir de diversas vozes, torna-a mais completa, devido o número de detalhes e a seqüência dos fatos tendem a ser mais exatos, de que quando se recorre à lembrança do mesmo ocorrido a partir da memória individual, particularmente quando essa se distancia do tempo presente. Nesse sentido,

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazemos recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa,

o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. (HALBWACHS, 2006, p.39)

A memória coletiva é de fundamental importância na construção da identidade, por meio das recordações e das lembranças. Bosi (1999, p. 55) mostra que:

O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho.

Com isso, podemos afirmar que a memória coletiva é portadora da memória popular, processo esse que se dá no campo da cultura, na qual um povo guarda suas histórias e suas memórias. Para Le Goff (2013, p. 435),

A evolução das sociedades na segunda metade do século XX elucida a importância do papel que a memória coletiva desempenha [...] a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento [...] é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje. [...], mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.

Com isso, a manipulação da memória coletiva pode vir a se tornar um instrumento de manipulação e exploração das classes menos favorecidas, criando falsos critérios, explicações e modelos sociais. Disso surge a necessidade de se compreender bem o que é a memória e a sua importância na construção e desenvolvimento de uma sociedade ou de um grupo em particular. Por isso, vale lembrar o que diz Le Goff (2013, p. 437):

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.

Assim, a valorização da memória, sua preservação e seleção, se revestem de uma especial importância seja no fazer da História ou na transmissão cultural de um povo, o que exige dos estudiosos um olhar agudo e experiente em ler as entrelinhas.

1.3 Tradição

A cultura popular e a memória estão relacionadas à tradição e à presença do passado na vida cotidiana. A tradição é algo que se herda e que faz parte da identidade cultural e social de um povo. É seguimento de um passado que permanece, se reorganiza constantemente e que sofre mudanças conforme a tradição é transmitida de uma geração para a outra.

Neste processo, conserva-se aspectos de costumes, por meio das histórias contadas pelos antepassados e transformadas pelas novas gerações. Para Burke (2008, p. 28), “a ideia de cultura implica a ideia de tradição, de certos tipos de conhecimentos e habilidades legados por uma geração para a seguinte”. É então o veículo pelo qual muitas vezes a memória é evocada, os sentimentos partilhados e a cultura vai seguindo seu curso. Deste modo,

A tradição é o que permanece ao longo do tempo, por meio das gerações, essa tentativa de segurar o tempo, a tentativa de ainda ver no hoje os costumes criados pelos antepassados. A memória estendida a tantas gerações, sobrevivendo ao longo do tempo, cedendo quando necessário, se revivificando com apropriações novas, alonga-se na história dando força às tradições. Nessa esperança, o velho se lança sobre o novo para se preservar, enquanto este é construído sobre as bases antigas. (ROCHA, 2010, p. 121)

Assim são as tradições orais que são passadas de geração a geração por meio de contos, lendas, cantigas, canções, parlendas, preces e orações. Nelas se reconhece o passado, muitas vezes modificado com uma nova aparência, mas resistente às transformações impostas pelos tempos e pelas mudanças sociais, culturais e religiosas. Deste modo, podemos concluir que “as tradições, que são veiculadas por meio da voz, possuem uma energia particular, que vai construindo sobre o velho, o novo, adaptando e reinventando para não morrer”. (ROCHA, 2010, p. 121). Por isso,

Deve-se entender a tradição como um campo que envolve um ritual e possui status de integridade, uma forma de garantir a preservação, baseado em modelos que podem ser histórias fictícias, reais ou reinventadas, dando conta dos inúmeros processos de simbolização no curso da história dos atores sociais. Em suma, a tradição passa a ter um caráter normativo, relacionado aos processos interpretativos, por meio do qual o passado e o presente são conectados para ajustar o futuro. (LUVIZOTTO, 2010, p. 66).

Um exemplo disso são as manifestações religiosas que por meio das diferentes tradições mantêm vivos os seus dogmas e valores, suas representações e manifestações, ou até mesmo a própria instituição enquanto religião. Neste sentido, vale lembrar aquelas tradições que são construídas ao longo dos tempos a fim de reafirmar um determinado poder, crenças ou costumes que determinam e caracterizam o ser e o estar de uma determinada sociedade ou grupo. Por isso,

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado de tempo. (HOBSBAWM; RANGER, 2017, p. 7).

Por outro lado, é preciso lembrar também que tradições são “inventadas” quando surge a necessidade de mudanças de paradigmas, quando elas não correspondem mais às exigências das múltiplas realidades impostas às sociedades, seja por aqueles que as governa, seja por sistemas econômicos, seja pelas transformações que afetam o cerne constitutivo de um grupo - direta ou indiretamente, voluntária ou involuntariamente. Segundo Hobsbawm e Ranger (2017, p. 11-12), a invenção de tradições ocorre:

Quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as “velhas” tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto do lado da oferta.

Pode-se concluir que a tradição é fruto da memória e a base da cultura de uma sociedade. Uma vez compreendida as especificidades dessas dimensões, nos permitem entrar no próximo capítulo no qual buscaremos compreender melhor o objeto de estudo deste trabalho, isto é, as folias de reis como manifestação da cultura popular.

CAPÍTULO 2

AS FOLIAS DE REIS

2.1 A origem da devoção aos três Reis Magos e sua representação na arte

A devoção aos três reis magos tem sua origem nos acontecimentos que se seguiram ao nascimento de Jesus Cristo. Assim sendo, é uma tradição essencialmente natalina que tem um lugar todo especial tanto no cristianismo do ocidente quanto do oriente. Tanto lá como aqui, a festa da Epifania do Senhor na liturgia da Igreja Católica e da Ortodoxa celebra a manifestação de Jesus às nações, representadas nos três reis magos que o adoraram e ofereceram-lhe seus presentes: ouro, incenso e mirra.

Esse acontecimento é narrado no evangelho atribuído ao apóstolo São Mateus, que se converteu ao ser chamado pelo próprio Cristo a segui-lo. Assim Mateus narra a visita dos “magos do oriente”:

1.Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na Judeia, no tempo do rei Herodes, alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém, 2.E perguntaram: “Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Nós vimos a sua estrela no Oriente, e viemos para prestar-lhe homenagem.”3.Ao saber disso, o rei Herodes ficou alarmado, assim como toda a cidade de Jerusalém.4.Herodes reuniu todos os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei, e lhes perguntou onde o Messias deveria nascer.5.Eles responderam: “Em Belém na Judeia; porque assim está escrito por meio do profeta: 6.E você, Belém, terra de Judá, não é de modo alguma a menor entre as principais cidades de Judá, porque de você sairá um Chefe, que vai apascentar Israel, meu povo.”7.Então Herodes, chamou secretamente os magos, e investigou junto a eles sobre o tempo exato que a estrela havia aparecido.8.Depois, mandou-os a Belém, dizendo: “vão, e procure obter informações exatas sobre o menino. E me avisem quando o encontrarem, para que também eu vá prestar-lhe homenagem”. 9.Depois que ouviram o rei, eles partiram. E a estrela que tinha visto no Oriente, ia diante deles, até que parou sobre o lugar onde estava o menino. 10.Ao verem de novo a estrela, os magos ficaram radiantes de alegria. 11.Quando entraram na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Ajoelharam-se diante dele e lhe prestaram homenagem. Depois, abriram seus cofres, e ofereceram presentes ao menino: ouro, incenso e mirra. 12.Avisados em sonho para não voltarem a Herodes, partiram para a região deles, seguindo por outro caminho. (Evangelho de São Mateus 2, 1-12).

Podemos perceber que São Mateus os chama de “magos”, o que pode ser traduzido como sábios. Provavelmente eram pessoas que estudavam a astronomia, já que eles reconheceram na estrela o sinal do nascimento de um novo rei (Mateus

2, 2). Na tradição cristã, eles foram considerados os primeiros peregrinos pagãos a reconhecer Jesus como salvador e rei. Em um dos evangelhos apócrifos – o “Evangelho Árabe da Infância” - isto fica evidente e certamente contribuiu na construção da devoção aos três “reis magos”, visto que na época, muitos desses evangelhos ou escritos se difundiram e eram tidos como dignos de fé. Vejamos:

Os reis e príncipes apressaram-se em se reunir em torno dos magos, perguntando-lhes o que haviam visto e o que haviam feito, como haviam ido e como haviam voltado, e que companheiros eles haviam tido então durante a viagem. Os magos mostraram-lhes a faixa que Maria lhes havia dado; em seguida eles celebraram uma festa, acenderam o fogo segundo seus costumes, e adoraram a faixa, e a jogaram nas chamas, e as chamas envolveram-na. Ao apagar-se o fogo, eles retiraram o pano e viram que as chamas não haviam deixado sobre ele nenhum vestígio. Eles se puseram então a beijá-lo e a colocá-lo sobre suas cabeças e sobre seus olhos, dizendo: “Eis certamente a verdade! Qual é pois o preço deste objeto que o fogo não pode nem consumir nem danificar?” E pegando-o, depositaram-no com grande veneração entre seus tesouros. (EVANGELHO ÁRABE DA INFÂNCIA, 2004, p. 453).

Podemos perceber que de acordo com esta narrativa, os três magos foram os primeiros a anunciar Jesus Cristo aos pagãos, ou seja, aos não judeus. Assim também o reconhece no Catecismo da Igreja Católica no parágrafo 528, “Nesses “magos”, representantes das religiões pagãs circunvizinhas, o Evangelho vê as primícias das nações que acolhem a Boa Nova da salvação pela Encarnação”. Esse papel e missão primordial dos três magos, possibilitaram o desenvolvimento de uma forte devoção a ponto de eles serem “considerados os primeiros santos do cristianismo e a sua santificação é atribuída ao encontro com o Divino (Menino Deus)”. (KODAMA, 2009, p. 106).

Outro aspecto relevante a se notar é que em momento algum o texto faz referência à quantidade de magos, o que, desde a origem do cristianismo já era questionado. Segundo Kodama (apud CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p.109), “no Século III, no ano 213 o teólogo Orígenes, baseado no número de presentes oferecidos, indicados na narrativa evangélica [...] definiu em três o número dos magos”.

Possivelmente, o que ajudou a cristalizar essa ideia na tradição cristã foi a representação do nascimento de Jesus Cristo feita por São Francisco de Assis, em 1223, na cidade de Greccio, na Itália. Isto favoreceu a construção de inúmeros presépios que, sobretudo, contavam também com as imagens dos três reis magos

do oriente adorando o Menino Jesus, o que fez dos presépios uma tradição da Ordem franciscana. (KODAMA, 2009, p. 157-158).

Segundo Chaves (2011, p.30), uma lenda conta a história de quando os três reis chegaram a Belém e encontram o Menino Deus na manjedoura,

Para louvar o Menino Jesus, cada um deles trazia consigo um presente. O rei Gaspar, representando o Continente Asiático, presenteou a criança com mirra, uma espécie de óleo perfumado que servia para embalsamar as pessoas quando morriam. Baltazar, que representava o Continente Africano, ofereceu a Jesus incenso para perfumar e purificar o local onde o messias se encontrava e Melchior, representando o Continente Europeu, trouxe ao menino o ouro, simbolizando a nobreza. Este último presente foi rejeitado por Maria, pois se tratava de tão rico regalo que ela pediu aos três Magos do Oriente que trouxessem um presente mais simples ao pequeno Rei recém-nascido, vindo ao mundo para ensinar os homens a serem humildes. Então os Reis Magos saíram pelas aldeias próximas cantando e dançando durante três dias, recebendo ofertas em forma de dinheiro para, assim, poder presentear a criança divina. O rei Melchior cantava, o rei Gaspar dançava e o rei Baltazar recitava.

É preciso dizer ainda que a visita dos “reis” magos não aconteceu na noite do nascimento de Jesus, mas sim depois, como podemos ler no evangelho de São Lucas:

Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na Judeia, no tempo do rei Herodes, alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém. [...] E a estrela que tinha visto no Oriente, ia diante deles, até que parou sobre o lugar onde estava o menino. Ao verem de novo a estrela, os magos ficaram radiantes de alegria (LUCAS 2, 9-10).

Na tradição católica celebra a festa da Epifania do Senhor no dia seis de janeiro, o que possivelmente motivou as “folias de reis” serem festejadas durante todo esse mês em alguns lugares. Como mostra Kodama (2009, p. 106), “foi o Papa Julio I, em 367 d.C. quem unificou o calendário cristão e fixou a data de 25 de dezembro para a festa do nascimento de Cristo e dia 6 de janeiro para celebração e adoração dos Reis Magos”, ou seja, para a celebração da Epifania.

Tendo a Igreja primitiva à necessidade de organizar um calendário com as festividades existentes que já faziam parte das celebrações do povo como, por exemplo, as “janeiras”, que segundo Cascudo (2001, p. 289) era uma “canção entoada por um grupo que visitava pessoas amigas, no primeiro dia de ano. *Dar as janeiras, cantar as janeiras, pedir as janeiras* são expressões que fixavam a festa tradicional ligada ao ciclo de Natal”.

A devoção aos “reis magos” durante a Idade Média cresceu consideravelmente, tanto que a partir do século VIII, eles passaram a ser chamados como *Bithisarea*, *Melchior* e *Gathaspa*, e somente no final do século IX é que os nomes Melchior, Baltasar e Gaspar passaram a ser popularizados pelo historiador italiano André Agnello (805-846) (GUAL, 2019). Hoje, segundo uma antiga tradição, os restos mortais dos três reis magos se encontram na catedral de Colônia, na Alemanha.

A devoção aos santos “reis magos” também foi expresso na arte. Desde a medieval até a contemporânea, podemos encontrar várias representações artísticas da passagem bíblica supracitada retratando a adoração dos magos ao Menino Jesus.



Figura 1 - Os três magos. Mosaico – Basílica de Santo Apolinário, Ravena, Itália.
Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Barrete_fr%C3%ADDgio#/media/File:Magi_\(1\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Barrete_fr%C3%ADDgio#/media/File:Magi_(1).jpg)

A imagem acima é uma das mais antigas e está representada em um mosaico do final do século VI, na Basílica de Santo Apolinário, em Ravena, Itália. Os magos vestem calças, na cabeça usam gorros e em suas mãos estão os recipientes que se encontram cada presente. Podemos perceber ainda no mosaico a estrela de Belém à frente dos magos e a diferença de idade entre eles.

Outro aspecto relevante é que nesse mosaico os magos não são representados como reis, ao contrário da representação presente na figura 2.



Figura 2 - Iluminura dos Reis Magos, 120. Manuscrito que se encontra na BadischeLandesbibliothek, Karlsruhe, Alemanha.

Fonte: <http://www.abim.inf.br/recusa-de-qualquer-pacto-com-a-heresia/#.XPKVuPIKhj>

Aqui podemos observar que os magos estão representados como reis e suas vestes são dignas de sua majestade.

Durante o renascimento, muitos pintores traduziram em suas obras a devoção aos santos reis magos como, por exemplo, Giotto, Bosch, Leonardo da Vinci e Sandro Botticelli. Desses apresentamos as seguintes obras:

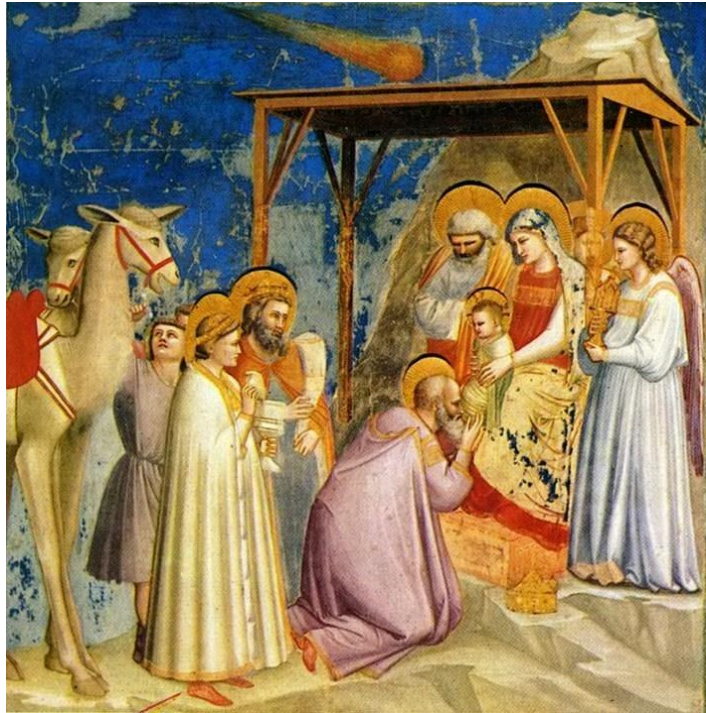


Figura 3 - Adoração dos magos, 1302 – Giotto, Capela Arena, Pádua, Itália.
 Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Adora%C3%A7%C3%A3o_dos_Magos#/media/File:Giotto_-_Scrovegni_-_18_-_Adoration_of_the_Magi.jpg



Figura 4 - Adoração dos Magos. 1495. Tríptico de Hieronymus Bosch, atualmente no Museu do Prado, em Madrid.
 Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Adora%C3%A7%C3%A3o_dos_Magos#/media/File:Hieronymus_Bosch_-_Triptych_of_the_Adoration_of_the_Magi_-_WGA2606.jpg



Figura 5—A adoração dos Magos, 1482 (inacabada). Leonardo da Vinci. Galleria degli Uffizi, Florença, Itália.

Fonte: <https://artsandculture.google.com/asset/adoration-of-the-magi/RQFL5tibYCPGOg?hl=pt-BR>



Figura 6—Adoração dos Reis Magos. 1475. Por Botticelli, Galeria Uffizi, Florença, Itália.

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Adora%C3%A7%C3%A3o_dos_Magos#/media/File:Botticelli_-_Adoration_of_the_Magi_\(Zanobi_Alтарь\)_-_Uffizi.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Adora%C3%A7%C3%A3o_dos_Magos#/media/File:Botticelli_-_Adoration_of_the_Magi_(Zanobi_Alтарь)_-_Uffizi.jpg)

As pinturas apresentadas acima demonstram o imaginário e a devoção em torno dos três reis magos e podemos observar que cada uma os apresenta de uma forma diferente da outra, com algumas características comuns, como por exemplo, os gestos de adoração e o semblante de respeito e piedade. No entanto, é preciso notar que dos quatro pintores citados, somente Bosch representa um dos reis como negro. O mesmo acontece na obra dos pintores portugueses Vicente Gil e Manuel Vicente.



Figura 7 – Adoração do Magos, 1498-1518. Vicente Gil e Manuel Vicente. Museu Nacional Machado de Castro, Portugal.

Fonte: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=155947>

Já na contemporaneidade, as representações variam de região para região, refletindo muitas vezes as diferenças presentes, sobretudo, na cor dos três magos e na sua caracterização como reis ou não. Um exemplo é o quadro pintado pelo artista norte americano James C. Christensen, que os representou como reis, porém todos brancos.



Figura 8 – Somos os três reis. 2003, James C. Christensen.

Fonte: <https://deniseludwig.blogspot.com/2013/01/arte-em-pinturas-do-dia-dos-reis-magos.html>

Mesmo variando nas formas, nas cores e nas características, as representações dos três reis magos atravessaram o tempo e chegaram até os dias atuais. É indubitável que contribuíram e inspiraram a confecção das bandeiras e estandartes utilizados durante as festas celebradas em louvor aos santos reis, que são realizadas em vários lugares no mundo todo e de maneira especial no Brasil.

2.2 A festa de Reis: tradição e religiosidade

A festa de Reis é celebrada dentro da liturgia do período natalino, ou seja, é uma espécie de prolongamento da celebração do próprio Natal de Jesus de Nazaré, que passou – como dito acima – a ser celebrada no dia seis de janeiro, festa da Epifania do Senhor.

A princípio, em muitos lugares, acontecia uma dramatização da viagem dos três Reis Magos até o encontro com o Menino Jesus. No início, essas homenagens e comemorações eram representadas dentro das igrejas. Segundo Brandão (2006, p. 58) “O canto e a dança dentro do templo cristão vêm desde a “igreja primitiva” dos primeiros bispos e diáconos, herdeiros dos apóstolos. Dançar e cantar diante do sagrado é uma antiquíssima questão judaica”. Porém, com o passar do tempo, esta

festa como tantas outras, deixaram de ser celebradas exclusivamente dentro dos templos e passaram ao exterior, expandindo a abrangência territorial da paróquia.

Desde a Igreja primitiva e principalmente na Idade Média, os cristãos utilizavam o teatro e a encenação de trechos da Bíblia como forma de catequização, já que a maior parte da sociedade era analfabeta e o acesso às sagradas escrituras era exclusividade do clero.

Não era raro na Europa Medieval o costume de fazer procissões e cultos de igreja com representações teatrais de vidas de santos ou momentos da presença de Cristo no Mundo [...]. Desde pelo menos o século X os festejos medievais do Natal eram solenes e muito prolongados na sua duração. Ofícios e missas natalinos misturavam anjos, pequenos pastores e personagens da Sagrada Família em encenações dramáticas da noite de Natal. (BRANDÃO, 2006, p. 59, 60)

Esses autos podiam ser de natureza religiosa ou profana e quase sempre traziam em seu cerne muita alegria, cores, danças, canções populares, religiosas e folclóricas. Segundo Cascudo (2001, p.29), ele é um “enredo popular, com melodias cantadas”, que era inicialmente reproduzido dentro da igreja e depois fora dela, se revestindo da religiosidade popular. Segundo Andrade,

Entre as primeiras destas influências aquele teatro religioso semipopular ibérico, de que se destacou depois o teatro profano da península. Pfandl (14, 90) observa que a nota característica da celebração das datas católicas da Espanha (e de Portugal a gente dirá a mesma coisa) é que elas não são apenas uma festa eclesiástica, porém ao mesmo tempo festa popular. “É especialmente um dia em que, desde tempos muito antigos a fins do século XVI, são apresentadas aquelas peças em um ato, relativas ao Advento, Natal, Reis, Páscoa, Corpo de Deus, e aos santos – misturada ingênua de elementos pastorais e alegóricos, de bailados, falações e cantorias, que são a origem mesma do teatro nacional espanhol”. (1959, p. 27).

Com o passar do tempo, estas comemorações foram sendo reelaboradas de acordo com as particularidades próprias de cada lugar, uma vez que a religiosidade popular inseriu elementos muitas vezes próprios, que refletiam a realidade local e suas crenças, e que muitas vezes escapavam ao controle e à ortodoxia eclesial. Daí a mudança até mesmo no nome da festa para “folia”.

Para Cascudo, (2001, p. 242), o termo folia “antigamente, em Portugal, era uma dança rápida, ao som do padeiro ou do adufe, acompanhada de cantos. Fixou-se posteriormente, tomando características e modos típicos diferenciadores”. Já para Brandão (1977, p. 4), “a folia de reis é um grupo precatório de cantores e de

instrumentistas, seguindo de acompanhantes, e de viajores rituais, entre casas de moradores rurais, durante um período anual de festejo dos “três Reis Santos”, ou seja, dentro do período de natal. Em suma, as folias de Santos Reis têm um elo comum: a devoção ao Menino Jesus e aos Reis Magos. Geralmente ela é realizada em frente ao presépio com música e versos cantados, tendo como pano de fundo o enredo dos acontecimentos que cercaram e acompanharam o nascimento de Jesus e a adoração dos três reis magos.

2.2.1 Folia de Reis no Brasil

A Folia de Reis no Brasil é uma das tradições populares mais conhecidas e celebradas em todo território nacional. Deste modo, recebeu diferentes denominações nas diversas regiões do país como, “Folia de Reis”, “Terno de Reis”, “Reisado” ou simplesmente “Reis”. Para Cascudo (2001, p. 581), o reisado

É a denominação erudita para os grupos que cantam e dançam na véspera e dia de Reis (6 de janeiro). Em Portugal diz-se reisada e reiseiros, que tanto pode ser cortejo de pedintes, cantando versos religiosos ou humorísticos, como os autos sacros, com motivos sagrados da história de Cristo.

Sendo uma festa de origem Ibérica, no Brasil ela foi introduzida pelos portugueses ainda no processo de colonização, assim como tantas outras devoções e festas como, por exemplo, a devoção ao Senhor Bom Jesus – geralmente representado amarrado e coroadado de espinhos –, e a devoção à Nossa Senhora de Nazaré. Kodama (2009, p. 116) afirma que

Com a chegada dos portugueses, desembarcaram no Brasil também as comemorações da natividade e dos Reis Magos. Os primeiros jesuítas, como os padres Manoel da Nóbrega e José de Anchieta, usavam as folias e autos de dramatização nas festividades e nas procissões, muitos escritos na língua geral. Da devoção aos Reis, surge as Companhias de Folias de Reis ou Confrarias, onde os elementos sagrados e profanos caminhavam juntos, evoluindo de acordo com as características culturais das localidades.

Tendo a evangelização dos nativos como meta e objetivo principal, os jesuítas utilizavam os autos como um meio pedagógico para catequizá-los. Deste modo, conseguiam cativar a atenção dos “primeiros cristãos” da colônia, que aos poucos passavam a compreender a nova religião que lhes era imposta como verdade

absoluta. Aos poucos, os cantos e danças passavam a fazer parte do cotidiano, se misturando com aquilo que era próprio da cultura nativa. Nesse sentido, Andrade (1959, p. 27) nos ensina que

Quanto aos autos, [...] com intermédios de danças e cantorias, é sabido que se vulgarizaram aqui desde o primeiro século. Um dos chamarizes empregados pelos jesuítas nos trabalhos de catequese foi a realização desses autos, dramas religiosos mesclados de canto e dança, em que tomavam parte irmãos e índios já submissos. Não careço me documentar disso, mas cumpre verificar que desde início esses autos tinham uma tendência muito forte pra se profanizar.

No início, as folias eram celebradas, sobretudo, na zona rural, sendo apenas mais tarde levadas para a zona urbana. Certo é que desde o início, as folias foram absorvendo elementos próprios das localidades onde se desenvolveram, constituindo e refletindo a cultura e as crenças de cada região, inclusive incorporando elementos de outras religiões e culturas que não as do cristianismo.

Desta forma, a folia de reis sofreu variações de cidade para cidade, de região para região, “de estado para estado, de região para região em cada estado, de terno para terno, de mestre para mestre, há variações e diferenças de estilo”. (BRANDÃO, 2006, p. 65). Mas, apesar disso, as folias de reis se popularizaram e sobreviveram como expressão da religiosidade popular natalina, especialmente naquilo que tange especificamente a devoção aos três reis magos em todo o país.

De acordo com Lourenço (2014, p. 92), no Brasil as folias mais conhecidas são:

As Folias de Reis e Folias do Divino, mas também encontramos ocorrências de folias em louvor a outros santos, como Folia de São Gonçalo, Folia de São Benedito, Folia de São Sebastião e Folia de Sant’Ana. Embora, essas diferentes folias tenham traços e elementos bem similares, possuem características próprias do tipo (devoção) e localidade onde acontecem.

Se por um lado a devoção ao Menino Jesus e aos santos reis estimularam a formação dos autos e as folias de reis, por outro, muitas folias nasceram da gratidão por uma graça alcançada por intercessão dos santos reis magos. Desta forma, no Brasil, muitas folias foram organizadas como forma de agradecimento ou como um “pagamento” de uma promessa feita a eles. Ao encontro disto, Castro e Couto afirma que,

A folia [...] organiza-se, em geral, em consequência de promessa, isto é, um compromisso livremente assumido, que obriga a folia a sair o mínimo de sete anos a fim de se conseguir a desejada graça. O caso mais comum é que a promessa tenha sido feita pelo mestre, mas há também folias que saem por promessa comum de todos os seus componentes e até mesmo de outra pessoa. As promessas têm os mais diversos motivos: cura de doenças, realização de desejos, superação de dificuldades. (1977, p. 7).

Quanto à estrutura das folias em sua maioria seguem uma mesma organização, ou seja, o cortejo, o peditório (esmola), abertura da porta, louvações à casa, a seu dono (a), louvação ao Deus Menino e a despedida. Para Brandão (2006, p. 63), “o ritual votivo da Folia de Reis constituiu pequenas confrarias de devotos. [...] Com base em uma mesma estrutura cerimonial, ampliaram o circuito das visitas em casa em casa”.

Deste modo, é comum que cada grupo leve à sua frente uma bandeira ou um estandarte, onde estão pintadas ou bordadas as imagens que representam o nascimento de Jesus, os três Reis Magos e a Estrela de Belém. Castro e Couto (1977, p. 8) afirmam que, “toda folia tem sua bandeira, o estandarte que a identifica, simbolizando, ao mesmo tempo, a jornada dos Magos a Belém e a intenção com que os foliões se dispõem à peregrinação. Por esses motivos, a bandeira representa a folia”.



Figura 9 - Bandeira de folia de reis – Ilda Santa Fé.

Fonte: <http://ildasantafe.blogspot.com/2010/04/folia-de-reis.html>

Um grupo de folia de reis, normalmente, é formado por vários integrantes e cada um tem uma função específica, sendo eles: o mestre/embaixador, considerado

o líder do grupo, aquele que sabe cantar os versos e que em alguns momentos até o improvisa; o contramestre, que vai responder os versos com outros foliões; o alferes, aqueles que vai à frente da folia levando a bandeira; os músicos, que são de grande importância nas folias e os palhaços, que também são chamados de “Bastião” e usam máscaras.



Figura 10 – Palhaços ou bastiões

Fonte: <https://www.opopular.com.br/noticias/magazine/encontro-de-bandeiras-1.1016647>

A respeito dos integrantes Kodama (2009, p. 121-122) explica que,

Os grupos de foliões são compostos, geralmente, por três homens fantasiados, representando os magos; um ou mais palhaços relacionados a Herodes e soldados, sempre mascarados [...] acompanha esses personagens um mestre que comanda os foliões e estabelece as regras. É dele a função de puxar os versos que serão repetidos pelos outros membros do grupo, tocadores ou orquestra composta de banjo, violão, viola, zabumba, caixa, triângulo, pandeiro, maracás, sanfona, rabeca, cavaquinho e flauta de taquara, cantores e porta-bandeira, também conhecido como alferes, que tem ainda a incumbência de orientar as pessoas das casas e, às vezes, receber as doações. Para a realização das Folias, há ainda dois elementos importantes: o festeiro, que é o responsável pelo início e encerramento, e o gerente, que antecipadamente organiza o roteiro ou percurso, o giro das folias.

Os membros dos grupos de folias durante o festejo vestem roupas coloridas, chapéus e adereços. Tocam, dançam e cantam diversas músicas, que normalmente, são de natureza religiosa. Todos esses participantes são denominados como foliões e os outros integrantes são chamados de acompanhantes, ou seja, todas as pessoas que seguem a jornada da folia ou parte dela por fé e devoção aos Santos

Reis. Para Brandão (1977, p. 7), “o nome ‘folião’ é dado a qualquer um dos participantes-rituais da Folia de Reis. Ele se aplica inicialmente ao folião do ano, [...] também a todos os integrantes do grupo. [...] todos os cantores e todos os instrumentistas”.

Em algumas regiões, durante os dias dos festejos, (24 de dezembro a 6 de janeiro), de acordo com Brandão (1977, p. 8) as Folias de Reis cumprem uma jornada tradicionalmente conhecida como “giro”, eles andam de dia e parte da noite, até chegarem na casa de um devoto para pedir “pouso”, esses pousos podem ser de almoço e janta. O “pouso de janta” é o local onde os foliões dormem e recomeçam a jornada no dia seguinte, até o último “pouso” no local da “festa”. Esses foliões passam de casa em casa, geralmente, na zona rural com seus músicos, cantores, e dançarinos - seguindo como os Reis Magos a estrela de Belém - e anunciando o nascimento do menino Jesus e visitando os presépios das casas.

A visita de casa em casa realizada pelas Folias corresponde à caminhada e peregrinação que os reis fizeram para encontrar o Menino Deus. Chegar à casa do folião é desencadear o encontro dos Reis com o sagrado, consequentemente, quem recebe a Folia, está transformando sua residência no espaço sagrado do nascimento de Deus. São esses encontros que fazem da Folia uma festa impregnada de gratidão e esperança. A casa que recebe a bandeira é, desta forma, abençoada, juntamente com seus familiares. (KODAMA, 2009, p. 127).

Para aqueles que as recebem em casa significa receber a visita dos próprios santos reis magos, é adorar o Menino Deus juntamente com eles, como se o tempo e o espaço já não existissem. A festa se reveste da mais pura piedade popular, renovando a esperança do povo sofrido das diferentes regiões do interior do Brasil ou das periferias das cidades, visto que esta celebração é - como vimos no capítulo um, uma de tantas formas de expressão da religiosidade e da cultura popular.

No entanto, há ainda outra dimensão das folias, mais ampla e que inclui todos os envolvidos – o grupo de folia e os foliões -, isto é, uma grande festa que comumente é celebrada no dia seis de janeiro, dia dos santos reis magos. Para isto, as folias pedem ofertas, que também são chamadas de esmolas, visando obter fundos materiais para a realização desta, na qual toda a comunidade participa. É comum famílias oferecerem víveres ou mantimentos, ou mesmo diferentes produtos colhidos em seu próprio quintal ou roça. Aqueles que não podem colaborar, oferecem a mão de obra para ajudar na organização.

A Festa dos Santos Reis, também chamada de Dia da Entrega, é o momento mais esperado de toda jornada, representa a chegada dos Reis Magos à Belém. Tradicionalmente era realizada no próprio Dia de Reis, 6 de janeiro, porém, atualmente, pode ser realizada em um sábado do mês de janeiro previamente combinado entre mestres, foliões e comunidade. (LOURENÇO, 2014, p.92).

Esta festa mistura música e dança, sagrado e profano, e sofre variações, de região para região, de lugar para lugar. Nela cores se misturam com cantos e orações, a emoção e a piedade vivenciada são reveladas frequentemente nas lágrimas que rolam nos rostos marcados pelo sol e pelas marcas deixadas por uma vida sofrida. Brandão (2006, p. 44) afirma que:

Os folcloristas reconhecem no ritual da Folia de Santos Reis um fato folclórico. Ela é uma persistência cultural popular, é uma tradição muito antiga do catolicismo de folk. É anônimo o ritual, não tem autor ou dono. Embora cada “Companhia de Folia” tenha seu mestre, embaixador ou chefe. A Folia é um complexo rito coletivizado. Sobre uma estrutura básica que no Brasil se esparrama do Rio Grande do Sul ao Maranhão, há criações pessoais, há formas peculiares de cada “companhia” refazer e recriar.

As folias de reis se revestem de uma importância singular na manutenção das comunidades, particularmente nas rurais, pois proporciona o estreitamento dos laços comunitários e familiares, o fortalecimento da fé, o espírito de cooperação e fraternidade. Ademais, mantém viva a cultura dita popular, que carrega em seu cerne a história de tempos passados e revela aspectos dessa comunidade no presente.

Diante disso, passamos agora à apresentação e análise do grupo de folia de reis da comunidade do Alto do Rosário no município de Dom Basílio – BA, a qual se reveste de características próprias diferenciando das demais, revelando desta forma a riqueza presente nesta expressão da cultura popular que é as folias de reis.

CAPITULO 3

A FOLIA DE REIS NO MUNICÍPIO DE DOM BASÍLIO – BA

3.1 Breve histórico de Dom Basílio – BA

A cidade de Dom Basílio está localizada na região sudoeste do Estado da Bahia, a aproximadamente 600 km da capital, Salvador. De acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ela possui uma área territorial de 688.645 quilômetros quadrados e uma população de 11.355 habitantes (IBGE, 2010). Ao longo do tempo o município se dedica principalmente às atividades de agropecuária.



Figura 11 – Localização de Dom Basílio em relação a Capital Salvador (Google Maps).

Sabe-se que no período colonial essa foi uma região que sofreu forte influência de bandeirantes que estavam à procura de riquezas. Com a descoberta das minas, a região atraiu grande número de pessoas. Nesse sentido:

A grande onda de ocupação do Alto Sertão da Bahia foi nas primeiras décadas do século XVIII, com a descoberta do ouro, por bandeirantes paulistas que eram liderados por Sebastião Pinheiro Raposo. O achado de cascalhos auríferos não somente no leito do rio Brumado, mas em todas as serras circunvizinhas, fez migrar para a região um grande contingente populacional, que buscava enriquecimento rápido. (CAIRES; CAIRES, 2018, p.33).

Conforme relata os pesquisadores supracitados, com o tempo, esse fluxo migratório fez surgir diversas propriedades especializadas na criação de gado¹ e na produção agrícola de subsistência. De acordo com Lima (2016, p. 34):

Com a descoberta das minas às margens do Rio das Contas e posterior criação da Vila de Nossa Senhora do Rio de Contas, muitas regiões próximas foram exploradas. É certo que a criação de gado movimentou o fluxo comercial e financeiro dessa região, entretanto a mineração propiciou o aparecimento de muitos aglomerados urbanos.

Desse modo, entende-se que a busca por ouro, a agricultura e a pecuária influenciaram o assentamento de famílias na região e, conseqüentemente, o surgimento de novos povoados, ocorrendo, dessa forma, a consolidação do povoamento no interior. De acordo, com Tanajura (2003, p. 26) o primeiro núcleo urbano da região foi o distrito de Villa Velha, terras que hoje compreende a atual cidade de Livramento de Nossa Senhora.

A cidade de Dom Basílio, no período colonial, estava localizada na região conhecida por “Alto Sertão da Bahia”. Segundo Caires e Caires (2018), no século XVIII Isabel Guedes de Brito era a herdeira da sesmaria² do Alto Sertão da Bahia e, nessa época, iniciou um processo de divisão das terras por meio de vendas e arrendamentos, transformando a região em pequenas propriedades. A ocupação das terras do atual município foi um processo demorado, que levou algumas décadas.

Diversas famílias foram constituindo moradias e, ao longo do tempo, o município foi erigindo povoados e sítios. No século XIX, o que se viu foi o surgimento de núcleos populacionais formados por famílias roceiras ou de lavradores, especializados na produção de subsistência, com pouca mão de obra escrava, com o trabalho essencialmente familiar. (CAIRES; CAIRES, 2018, p. 116).

A agricultura e a pecuária, como exposto acima, contribuíram para o povoamento do município, exercendo papel importante na manutenção e na constituição dessas famílias como na economia da região.

¹ Era comum nessa época a construção de currais para a criação de gado. “A região dos *currais* da Bahia tem origem justamente na expansão das fazendas de gado, tanto as de propriedade dos Garcia d'Ávila ou dos Guedes de Brito quanto aquelas exploradas por seus rendeiros e foreiros”. (IBGE, 2009, p. 56)

² As sesmarias eram doações de um lote de terra, feita pela Coroa Portuguesa para pessoas que tinham interesse de explorá-los no processo de colonização do Brasil.

Em 1926, o sítio - hoje atual Dom Basílio - recebeu o nome de Curralinho - devido à grande quantidade de currais que esse território possuía -, para Caires e Caires (2018, p. 77), “o casal Rodrigo Alves Pereira e Rita Olympio Alves d’Oliveira foram os grandes benfeitores do Arraial. [...] responsável, de forma direta, pela ascensão de Curralinho de sítio ao posto de vila”. Nesse período, Curralinho era distrito da cidade de Livramento. De acordo com o IBGE, em 1944, o arraial passou a denominar-se Ibirocaim, permanecendo até 1962. Em 1963, conquistou sua emancipação, deixando de ser distrito de Livramento do Brumado (atual Livramento de Nossa Senhora).

Porém, um ano antes de sua emancipação política, o arraial recebeu o nome de Dom Basílio, em homenagem ao bispo católico de Manaus, Manoel Olympio Alves Pereira (Bispo Dom Basílio), natural da Fazenda Lençóis (atual comunidade de Lençóis)³. “O Bispo Dom Basílio é figura central na memória do povo dombasiliense, este imaginário se fortalece a cada nova geração, pois o município leva seu nome”. (CAIRES; CAIRES, 2018, p. 76).

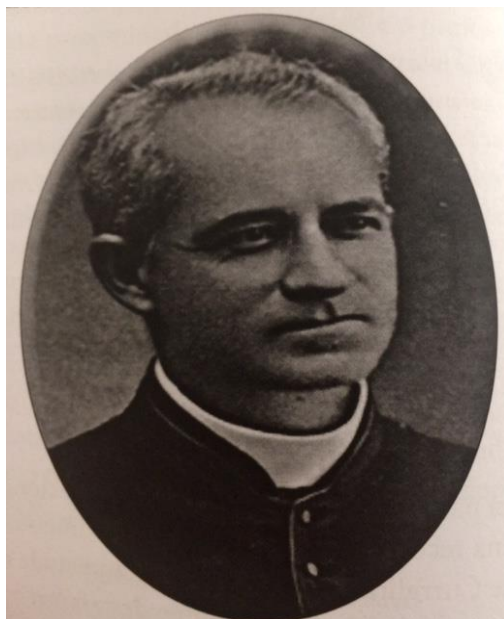


Figura 12 - Frei Manoel Olympio, Bispo Dom Basílio
Fonte: (CAIRES; CAIRES, 2018, p. 66).

³ “Manoel Olympio Alves Pereira, filho do Alferes Manoel Alves Pereira Júnior e Dona Anna Maria Alves d’Oliveira, nasceu em 27 de abril de 1871, na Fazenda Lençóis, casa de morada de seus pais, à época, era vinculada à Vila Velha (Livramento)”. (CAIRES; CAIRES, 2018, p. 62).

Em abril de 2017, mês do aniversário de 54 anos de emancipação política do município, foi realizado o sepultamento dos restos mortais de Dom Basílio na lateral direita do altar-mor da Igreja de São João Batista. Seus restos mortais estavam em um cemitério em Salvador. O projeto do traslado para o sepultamento na cidade que recebeu o seu nome, foi idealizado pelo professor Róbson Bonfim de Caires, como uma homenagem ao bispo filho da região.



Figura 13 - Igreja de São João Batista, Dom Basílio – Ba, 2019.
Fonte: Arquivo pessoal de Renata Alves

Segundo o censo de 2010, realizado pelo IBGE, o município apresenta em sua grande maioria uma população de religião Católica (95,38%), o que nos remete as fortes tradições e constantes comemorações religiosas na região, como, por exemplo: os festejos dos Santos padroeiros das comunidades⁴ (Nossa Senhora do Rosário, São José, Santa Terezinha do Menino Jesus, Nossa Senhora Aparecida, entre outros), as festas juninas, sobretudo pelo santo padroeiro da cidade, São João Batista, os festejos natalino e os festejos de Santos Reis.

A cidade de Dom Basílio possui, aproximadamente, umas 105 comunidades⁵, dentre elas estão algumas comunidades que serão mencionadas nessa pesquisa, como Alto do Rosário, Várzea Grande, Várzea do Engenho, entre outras.

⁴ Em Dom Basílio é comum chamar de comunidade os bairros rurais do município.

⁵ Informação fornecida por um funcionário da Prefeitura Municipal de Dom Basílio, que fez a relação das comunidades.

A comunidade de Alto do Rosário, também conhecida como Serra, está situada a aproximadamente 7 km da sede do município, estando próxima das comunidades de Capeba, Várzea do Engenho e Várzea Grande. Possui uma igreja com arquitetura barroca inaugurada no ano de 1891. Segundo a história contada por seus moradores, foram 12 anos de construção, tendo como responsável pela obra o sr. José Eduardo de Lima⁶, sendo uma das igrejas mais antigas do município. Assim,

No território que compreende hoje o município de Dom Basílio só foram construídas, as primeiras igrejas nos finais do século XIX e início do século XX. São elas as igrejas de São João Batista na sede do município, a de Nossa Senhora do Rosário no Alto do Rosário, a de Nossa senhora do Rosário no povoado de Jatobá e a de Santa Bárbara no Boqueirão. (CAIRES; CAIRES, 2018, p. 142).

Por sua emancipação política ter acontecido apenas há algumas décadas, a cidade guarda até os dias atuais, características rurais e principalmente os seus costumes e tradições.

3.2 A História Oral como instrumento de pesquisa

A História Oral é uma metodologia de pesquisa que teve seu início na segunda metade do século XX, em decorrência ao aumento de tecnologia para registro, especificamente, o surgimento do gravador. Sua finalidade é legitimar experiências que não estão registradas nos documentos escritos. Conforme as orientações de Meihy e Holanda (2007, p. 15), “a história oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas”. Segundo Alberti (2000):

[...] chamamos história oral os processos decorrentes de entrevistas gravadas, transcritas e colocadas a público segundo critérios predeterminados pela existência de um projeto estabelecido. Mesmo respeitando as investidas que confundem entrevistas feitas de diversas formas com os procedimentos formais da história oral. (ALBERTI, 2000, p. 85)

⁶ Essa informação nos foi passada por um morador da comunidade que estuda/conhece o local, porém não tivemos acesso à fonte original.

Comumente relaciona-se História Oral com a simples realização de entrevistas. No entanto, não se pode confundir ou comparar essas duas práticas, visto que elas se diferem em seus formatos e finalidades, a entrevista é uma parte, uma ferramenta da História Oral. A entrevista, gravada e fundamentada em cima de uma matéria que possibilita uma reflexão, na História Oral, é tida como “[...] encontros planejados, gravados por diferentes mídias, decorrentes de projeto, exercitado de maneira dialógica, ou seja, com perguntas/estímulos e respostas”. (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 12). Desse modo, não são realizadas com o único propósito de coletar dados ou informações, mas criar diálogos, problematizações, reflexões, possibilitando abrir diferentes perspectivas acerca de uma temática.

Trabalhar com memória não implica somente trabalhar com a construção do passado, porque é um exercício que engloba dimensões individuais e coletivas de construção e reconstrução de identidade, isso, pois, de acordo com Delgado (2006), a identidade pode ser renovável. A História Oral é, portanto, uma narrativa.

Recorremos a essa, quando pretendemos elaborar um trabalho que envolva memória coletiva, identidade social e/ou comunidade. Como nos referimos anteriormente, a História Oral é o registro de experiências que não são encontradas em documentos escritos, e muitas vezes isto faz com que estas experiências não sejam reconhecidas - até mesmo pela academia - como fontes para a produção do conhecimento. Uma das maiores contribuições da História Oral é dar voz e vez às classes silenciadas socialmente, pois quando estas ousam romper o silêncio que lhe é imposto, seus discursos são inferiorizados, dando-se pouco ou nenhum valor as vivências de seu cotidiano, inclusive as de caráter de suas expressões culturais.

Atualmente existem quatro ramificações na História Oral, as quais são chamadas, de acordo com Meihy e Holanda (2007), de gêneros em História Oral: a história oral de vida, a história oral testemunhal, tradição oral e a história oral temática. Desta forma, o pesquisador deve ter clareza de qual gênero será apropriado, pois esse interfere nos procedimentos da realização das entrevistas.

A história oral de vida tem um sentido biográfico, ou seja, é uma narrativa a partir da trajetória de vida do entrevistado; a história oral testemunhal é uma variação da anterior, mas que detém da existência de traumas na vida das pessoas ou da comunidade; a tradição oral - selecionada para a realização da nossa pesquisa - contempla a transmissão oral das tradições de uma comunidade ou

grupo; e a história oral temática, que gira em torno de um tema específico, na qual as entrevistas se desenvolvem a partir deste.

A respeito desse gênero, “[...] essa forma de história oral tem sido muito apreciada porque mescla situações vivenciais, a informação ganha mais vivacidade e sugere características do narrador” (MEIHY; RIBEIRO, 2011 p. 89).

Essa narrativa, de acordo com Meihy e Ribeiro (2011), resultado de uma sequência de procedimentos que tem início com a preparação de um projeto, tem como fim a constituição de um banco de histórias, que é o arquivamento das entrevistas em uma espécie de acervo, denominados “centros de informação, de documentação ou de memória”, com os conteúdos direcionados a um tema específico.

As entrevistas alocadas no banco de histórias podem e devem servir como fontes de estudos para pesquisadores e curiosos. No entanto, se o “projeto for utilizado para realizar análises imediatas ou articuladas pelo grupo que o executa, o conjunto de entrevistas funciona como meio e não como fim” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 14), nesse, se as entrevistas forem utilizadas como fontes de análises imediatas ou na constituição de um acervo, cabe ao pesquisador esclarecer como se dará seu uso. Os autores esclarecerem ainda que existem três tipos de usos da entrevista na História Oral, que são determinadas conforme a finalidade dada a ela pelo pesquisador. São elas: história oral instrumental; história oral plena e história oral híbrida.

Entende-se por história oral instrumental a modalidade que serve de apoio. O segundo caso, história oral plena, se estabelece na medida em que todo o processo é previsto pelo projeto norteador da pesquisa e pela análise de entrevistas, considerando apenas as narrativas. Em história oral híbrida, além das análises das entrevistas, supõe-se o cruzamento documental, ou seja, um trabalho de maior abrangência (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 15).

Nesse trabalho de pesquisa empregamos a história oral plena ou pura. Tal categoria se caracteriza pela análise completa das entrevistas que, por sua vez, são elaboradas conforme um tema específico, realizadas com indivíduos pertencentes a um mesmo projeto e analisadas de forma que possam dialogar entre elas, garantindo consistência nos dados coletados. Conforme Meihy e Ribeiro (2011):

A história oral plena se realiza em si, isto é, depois de elaboradas as entrevistas, traçam-se análises de várias pessoas contidas em um mesmo

projeto, ou seja, na combinação das narrativas formuladas pelas entrevistas que lhes garante em si autonomia e consistência analíticas. [...] no caso de história oral plena não é preciso se valer de cruzamentos com outros documentos que não sejam as entrevistas (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 16).

Como já abordamos anteriormente, para se realizar uma pesquisa em História Oral é necessário a elaboração de um projeto, que especifique desde as finalidades e justificativas para a realização da pesquisa, abordando os gêneros e o tipo de entrevista selecionados pelo pesquisador, até o cronograma de execução da mesma; se faz necessário também a captação e o tratamento das entrevistas, passando pelo processo de transcrição, na qual o entrevistador deve registrar o material oral para o escrito, de forma absoluta, com todas as repetições de palavras, erros, ruídos, e transcrição, que é o tratamento dado ao texto pelo pesquisador, de forma que o discurso fique “fluido”, nesse processo a intenção é deixar o sentido do texto escrito próximo do texto oral. No mais,

A transcrição se aplica mais ao gênero “história oral de vida”, do que a “história oral temática”. No primeiro caso, porque a história deve sempre aparecer por inteiro, torna-se automaticamente lógica a publicação do todo. No segundo caso, porque o fragmento pode ter sentido exato, o recorte é aceitável. Nesse caso, os limites da transcrição são maiores. (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 136).

O destino do produto final da História Oral é uma das preocupações metodológicas dessa ferramenta, uma vez que se tem a intenção de estabelecer vínculos entre os colaboradores/sujeitos da pesquisa e a produção de conhecimento resultantes de suas contribuições.

Assim, devido à falta de documentação a respeito da Folia de Reis na cidade de Dom Basílio – BA, selecionamos um dos grupos de reiseiros. Deste modo, as entrevistas com os membros do grupo são nossas fontes de pesquisa para compreender as características do grupo e a sua performance. Em suma, pretendemos contar a história da tradicional comemoração da Folia de Reis de Alto do Rosário a partir das histórias dos seus reiseiros e devotos.

3.3 Memória e tradição do grupo de Reiseiros de Alto do Rosário

Os Reiseiros

A manifestação da Folia de Reis em Dom Basílio acontece em muitas comunidades⁷ da cidade e é acompanhada por devotos e foliões. O atual grupo de reiseiros de Alto do Rosário foi formado, aproximadamente, no final da década de 1960. Mas, acredita-se que a tradição dos Reisados na comunidade tenha mais de 100 anos.

Como podemos ver nos relatos: *“Olha esses reis aqui, eu só sei dizer assim, que os mais velhos vai passando pra gente, tem mais de 100 anos esses reisados daqui da região, sabe, antigamente era os reis das famílias.”* (Reiseiro 1, 2019). *“[...] aqui mesmo, o Reisado já é pra mais de 100 anos, de meu conhecimento. Quando eu entendia por gente eu já conhecia os reiseiros velhos, entendeu”.* (Reiseiro 2, 2019).⁸

Para Castro e Couto (1977, p. 12) um grupo de Folia de Reis é composto por “no mínimo 12 foliões, mas acima desse número, o efetivo pode variar ao infinito. Encontram-se folias com 14, 16, 17, 20, 24, 25 e até 35 figurantes”. O Terno de Reis de Alto do Rosário, recentemente, tem 14 foliões, os quais cantam, tocam e sapateiam. O número se aproxima da tradicional quantidade que eles acreditam ser o correto, como conta o Reiseiro 1 (2019): *“O meu grupo tem 14 pessoas, o certo é 12, mas a gente sabe, tudo é amigo, tudo sabe fazer a brincadeira”.*

Os membros foram convidados a participar pelo mestre ou a convite de algum integrante (com o consentimento do mestre). De acordo com os Reiseiros: *“O reisado agora você tem que convidar os companheiros que gosta, que dar valor também no evento”.* (Reiseiro 1, 2019). *“Tem que gostar do movimento, eu fui encostando, os companheiros foi me chamando e eu gostei e comecei junto com o grupo.”* (Reiseiro 4, 2019).

⁷ Os principais ternos da cidade são das comunidades de Alto do Rosário, Rio São João, Tanque Bravo, Tamburi.

⁸ Na transcrição mantivemos a linguagem coloquial dos entrevistados.

Diferente da formação de diversos grupos de folias de reis, que se organizam devido a uma promessa feita, nenhum dos entrevistados fez menção a essa característica no grupo. Salientamos que nem todos os integrantes moram na comunidade de Alto do Rosário, alguns residem nas comunidades de Várzea do Engenho e Várzea Grande. Há, ainda, um reiseiro que mora no centro da cidade.



Figura 14 - Grupo de Reiseiros de Alto do Rosário, cantando o Samba, no I encontro de Reisado (Porta aberta, luz acesa: festa dos Santos Reis), realizado pela Prefeitura Municipal de Dom Basílio em 2017.

Fonte: Makdlima Filmes.

Como podemos observar na figura 14, o grupo usa um uniforme composto por uma camisa de seda verde ou azul claro, uma calça azul, bota e um chapéu branco.

O grupo de reiseiros de Alto do Rosário utilizam os seguintes instrumentos musicais: 1 viola caipira, 1 violão, 1 contrabaixo, 1 cavaquinho, 2 pandeiros e 1 triângulo. Uma antiga lembrança do Reiseiro 6 revela que no passado:

[...] era acompanhado por uma viola, um violão, um pandeiro e um triângulo, depois foi introduzido por algum tempo uma sanfona, instrumento esse que não foi bem aceito pela população, depois foi colocado o cavaquinho e por último o contrabaixo e passaram a usar uma caixa de som, coisa que não era usado no passado.

O Reisado de Alto do Rosário apresenta a seguinte estrutura em sua performance: o Reis da Porta, Reis do Presépio (louvação a Menino Jesus ou reis da Lapinha), Agradecimento do Reis e o Samba (Contra Dança ou Catira).

De início, no Reis da Porta, os participantes do grupo formam um semicírculo em torno da porta da casa do devoto e entoam uma música com a porta da casa fechada, dentro da casa estão seus moradores e a preparação do espaço. Os reiseiros cantando, pedem para abrir a porta e que se acendam as luzes para que o terno de reis possa entrar. Para o Reiseiro 1 (2019), “*o reis de fora é uma homenagem pra família*”. Eles cantam, à porta, a seguinte cantiga, com acompanhamento de instrumentos musicais:

Graças a Deus que chegamos/ Nessa casa de alegria
Pra entrar seus navegantes/ Manda abrir suas portarias (2x)

Manda abrir suas portarias/ Se ocê quer ouvir cantar
Ao chegar em seus batentes/ Gaspar e Baltazar (2x)

[...]

Porta aberta e luz acesa/ Recebei com alegria
Recebei o Santo Reis/Filho da virgem Maria (2x)

Ora viva e reviva/ Viva nobre Santo Reis
Cá de fora viva nós/ Lá de dentro vosmecês ai, ai... êêêêê

(Fragmento: música de Reis da Porta)

Geralmente, o mestre e o contramestre cantam os versos, que são repetidos pelos demais integrantes.



Figura 15 - Reiseiros cantando o Reis da Porta, 2018.
Fonte: Arquivo Pessoal de Janaína Silvestre

Ao final da cantiga, o morador da casa abre a porta e o mestre diz: Viva o Santo Reis dono da casa! E dono da casa responde: Viva! E fala: Viva os reiseiros também! E os reiseiros respondem: Viva!

Logo que a porta é aberta, os reiseiros e os devotos entram na residência. Os integrantes do grupo ficam diante do presépio, que geralmente é montado em um canto da sala da casa, e cantam o reis do Presépio, que também é chamado de reis da Lapinha ou Louvação ao Menino Jesus. De acordo com o Reiseiro 1 (2019), “o reis da Lapinha é da Sagrada Família de Nazaré: São José, Nossa Senhora e o Menino Jesus”.

Deus te salve lapa santa/ onde Deus fez a morada
Onde mora o cálice bento/ e a hóstia consagrada (2x)

E a hóstia consagrada/ pois evem com rezaria
Cantai os anjos na glória ôôô/ Louvando Santa Maria (2x)

Louvando Santa Maria/ senhora santa Isabel
Amarice da trindade ôôô/ Jesus, Maria e José (2x).

(Fragmento: Versos de Reis da Lapinha)⁹

Seguindo o ritual, ainda na frente do presépio o grupo faz o Agradecimento do Reis, no qual, eles cantam uma música como forma de agradecimento aos Santos Reis e se despedem cantando que voltarão no próximo ano.

Deus lhe pague pelo reis/ sempre fica em memória
Deus lhe dê o reino para sempre/ oh virgem Nossa Senhora

Eu fui despedir de Aurora/ Aurora ficou chorando
Mais aurora respondeu/ a Deus filho até pra ano

Pra o ano se Deus quiser/ nós havemos de voltar
Ou a pé ou a cavalo/ conforme Deus ajudar

Santo Reis vai simhora/ com prazer e alegria
Quem tiver saudade dele/ vai a festa do seu dia

Senhores dono da casa/ com sua dona também
Santo Reis vai simhora/ pra voltar ano que vem.

(Música de Agradecimento do Reis)

O mestre encerra o agradecimento falando: Viva o Santo Reis! E os reiseiros e os devotos respondem: Viva!

⁹ Alguns versos são adaptações de músicas que já existiam, como a música Cálix Bento.



Figura 16 - Reiseiros cantando em frente ao presépio, 2018.
Fonte: Arquivo Pessoal de Janaina Silvestre

Após o agradecimento os integrantes do grupo, diferentemente dos cantos anteriores, se organizam em um círculo para realizar o Samba, também chamado de Contradança ou Catira. Para Silveira:

Um exemplo de expressão cultural, neste caso nativa, existente nos tempos da colônia, é a Catira ou Cateretê dança de origem ameríndia e de nome tupi, caracterizada por batidas de pé e palmas, anteriormente executadas em tribos indígenas, e que ainda hoje é dançada pelos foliões de Reis, em algumas folias. (SILVEIRA, 2009, p. 23, 24).

Os componentes do grupo classificam essa parte de brincadeira. Como relatam os reiseiros: *“minha parte é de brincadeiras, eu faço catira mais eles, eu sambo, eu canto [...] tudo que precisar de alguma coisinha eu ajudo eles”*. (Reiseiro 5, 2019); *“[...] tem o samba, essas brincadeiras velhas [...] as vezes a gente inventa um pra inteirar ali, mas já tem o samba véi”*. (Reiseiro 2, 2019). Tem algumas músicas que eles consideram mais antigas e costumam chamar de “reis antigo”, “samba véi”. Como a seguinte música:

Vou contar tudo que eu vi
Acredite quem quiser
Já vi homem valente
Apanhando de mulher ai, ai, ai, ai. Êêêêêê

(Refrão)

Quando eu era rapaz novo/ Eu gostava da folia
Papai era homem velho/ Mas comigo não podia

Quando era meia noite/ Hora que papai dormia
 Arreava meu cavalo/ Passear na freguesia
 As morenas da cidade/ De longe me conhecia
 Lá vem meu pingo d'água/ Na flor da maravilha ai, ai, ai, ai. Êêêêêê

Quando da as 12 horas
 Bate asa e canta galo
 E o grupo de verde
 É do Alto do Rosário ai, ai, ai, ai. Êêêêêê

(Refrão)

(Fragmento: Música do Samba de Reis)

Após cantarem o Samba, o dono da casa oferece bebidas (cachaça, cortezano) para os reiseiros e os devotos. Em algumas casas também oferecem algo para comer, mas é importante lembrar que estas ofertas de comidas não são obrigatórias, portanto, elas nem sempre acontecem.

São muitas as músicas cantadas pelo grupo, geralmente eles cantam uma música em uma casa e na outra casa cantam outra. A maioria das músicas eles aprenderam ouvindo outras pessoas cantarem, como descreve o Reiseiro 1 (2019) “[...] eu via a minha mãe cantando o reis e eu gostava e gosto até hoje, então eu fui lembrando, gravando na mente, na hora que eu ouvia eles cantar o reis ia cantando e ia gravando”. Desse modo, podemos observar o papel da memória, sobrevivendo ao longo do tempo.

A maior parte dos reiseiros aprenderam a tocar as músicas observando “os mais velhos”. Como conta o Reiseiro 3 (2019):

Tinha aqueles tocador de reis mais velho [...] eu era jovem tinha 15 anos, 16 anos eu chegava parava na beira, na frente deles, ficava assuntando eles tocando e cantando, eu falei é muito bonito, eu vou fazer isso aqui também. [...] não conhecia escola primária e nem aula de violão, instrumento né, aprendi olhando os outros fazer [...] E aí comecei com o violão e tô até hoje graças a Deus.

Há 50 anos, nos meses de dezembro e janeiro o grupo costuma cantar o Reis nas comunidades de Alto do Rosário, Várzea do Engenho, Várzea Grande. Os moradores das comunidades acompanham o Reisado, que geralmente começa na Igreja e depois segue pelas casas nas quais há um presépio montado. De acordo com os Reiseiros: “[...] todo ano cantava Reis, todo ano, nunca fiquei um janeiro sem

cantar Reis. Comecei em janeiro, virada de 1968 para 1969, então agora inteirou 50 anos completo, graças a Deus”. (Reiseiro 3, 2019).

O reisado toda vida começa lá na Várzea do Engenho, 31 de dezembro, [...] aí canta deixa até onde vai, até onde pode ir, até 1h da manhã, depois volta lá, termina o resto e vem pra aqui [Alto do Rosário] dia 5 e 6 e depois vai para a Várzea Grande. [...] antigamente a gente girava a noite toda [...] começava as 19h30 e ia até o dia amanhecendo [...] mas naquele tempo a gente era novo, aguentava perder sono, hoje a gente começa 20h na igreja e quando é 1h da manhã a gente para. [...] mas nós não para de cantar, tamo seguindo, até quando a gente puder nós segue [...] Agora [2019] meu grupo completou 50 anos. (Reiseiro 1, 2019).

Como mencionado no capítulo anterior, a bandeira é considerada um símbolo importante para as folias de reis. O grupo de reiseiros de Alto do Rosário não tem a tradição de levar a bandeira durante a visita nas casas, mas no dia que eles cantam o Reis na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a bandeira da Sagrada Família costuma entrar na frente dos reiseiros.



Figura 17 – Bandeira do Terno de Reis de Alto do Rosário, 2019.
Fonte: Arquivo pessoal de Tamires Alves

Atualmente, um dos maiores problemas que o grupo de reiseiros de Alto do Rosário enfrenta é a falta de interesse dos mais jovens para dar continuidade aos Reis. Segundo o Reiseiro 3 (2019):

[...] hoje em dia tá ficando sei lá, ficando assim, meio difícil, o povo não quer mais cantar reis [...] hoje em dia é como eu disse, a coisa mudou muito, tá muito moderno, o povo quer é festa, é banda, tal banda vem tocar em Dom Basílio hoje, vai tocar em Livramento amanhã, ah bora fulano pro Reis? Quá não. [...] antigamente a festa era o reis. [...] Hoje o pessoal só quem tá

segurando essa barra aí é os mais idosos, né, a juventude não tá muito ligando assim com viola e violão para cantar reis.

O grupo, hoje em dia, não ensaia mais para apresentações ou escolha de músicas. “[...] é muito difícil ter o ensaio, a gente canta sem os ensaios mesmo, sempre tinha alguns anos atrás, mas não fizemos mais não, mas a gente segue fazendo Reis”. (Reiseiro 8, 2019); “Não tem ensaio não [...] é a tradição que vem de antigamente”. (Reiseiro 9, 2019).

Para os reiseiros a Folia de Reis é uma prática religiosa que merece grande respeito. Para eles estar em um grupo de Reis têm um enorme significado em suas vidas, como explica o Reiseiro 2 (2019): “[...] Participar de um grupo de reis pra mim é tradição, é tudo pra mim, porque a gente como se diz, quando gosta de uma coisa não tem dificuldade [...] eu já tô com 82 anos [...] enquanto eu aguentar e puder, tô aí”. Assim, pode-se compreender a força da devoção e da tradição que envolve as folias de reis.

Os Devotos

Tão importante quanto os reiseiros são os devotos que contribuem para que essa prática cultural permaneça no município. Os devotos são aqueles que todos os anos mantêm o costume de montar o presépio e aguardar os reiseiros em suas casas. Há, entretanto, aqueles que não seguem essa tradição, mas que acompanham os reisados nas comunidades devido a sua fé ao Menino Jesus e aos Santos Reis.

Geralmente os devotos acompanham o grupo de reiseiros que cantam na sua comunidade, mas é importante ressaltar a diversidade dos grupos existentes na cidade. Desde 2017, a Prefeitura Municipal de Dom Basílio, tem organizado encontros de Reisados na sede do município, com o propósito de valorizar e preservar os ternos de reis, assim como, contribuir para que a comunidade em geral possa conhecer as diferenças de estilo de cada grupo.

O Reis que eu acompanho é só mais o Reis da Serra, aqui em Várzea Grande, Dom Basílio, já fui em Livramento, Capeba, Cavaco, mas o mesmo grupo de Reis. Já vi outros Reisados em Dom Basílio, né, como da comunidade do Rio São João, é diferente não tem viola, violão que nem o daqui, é mais bumba, caixa, flauta. (Devota 3, 2019).

Para os devotos receber o Terno de Reis em suas casas é um momento de muita alegria, principalmente quando muitas pessoas vão e as residências ficam lotadas. Para a Devota 4, a parte depois do samba/final da visita é uma das mais memoráveis, pois

O dia que a gente sabe que vai cantar o Reis aqui, faço os comes e bebes aqui em casa, a cozinha enche de gente, aquele povo tudo comendo, bebendo café, bebendo suco, é cortezano, cachaça, comendo bolo, é aquela festona dia do Reis aqui em casa. (Devota 4, 2019).

Um aspecto notável, que aparece nas recordações dos entrevistados é que os pais costumam levar os seus filhos para acompanhar o Reis. Para Gonçalves (2010, p. 186) “a folia se torna o espaço de convivência de várias gerações, é o momento de repasse das tradições, da memória e principalmente da fé”. Possivelmente, esse fator contribui, mesmo que de forma inconsciente, para a permanência do Reisado.

Assim, observamos nos relatos dos devotos: “Quando era novo minha mãe me levava para o Reis. O meu pai também, quando tinha Reis na casa da vó, todo ano a gente tava lá. [...]”. (Devoto 2, 2019).

[...] comecei a participar do Reis desde a idade de 15 anos [...] meus pais ia e levava os doze filhos, andava todo mundo unido [...] vinha na Várzea Grande no Reis, no Alto do Rosário, na várzea do Engenho [...] Cada vez que passa vai ficando mais bonito. [...] Eu amo os reis, a devoção de senhor Deus Menino, São José e Nossa Senhora. [...] todo ano a gente tem a tradição de montar o presépio, montar a árvore de Natal, [...] a gente já fica esperando chegar a entrada de dezembro pra fazer isso. (Devota 4, 2019).

Para os devotos, montar o presépio é uma das formas de estar louvando e homenageando o Menino Jesus. De acordo com Kodama (2009, p.158), “[...] Sua montagem e representação estão impregnadas do imaginário popular em todo território nacional”. Para o Devoto 1, armar o presépio significa:

Relembrar aquilo que aconteceu com São José e Nossa Senhora, que foi acolher o presente de Deus, né, que veio através de Maria e representa lembrar o momento do nascimento de Jesus. Montar o presépio é a mesma coisa que você ter dentro de casa um santuário, pois nele você consegue ver a paz que ele transmite e num gesto tão simples com algumas imagens você ver o grande amor de Deus pela humanidade. (Devoto 1, 2019).

O tradicional presépio, montado pela maioria dos devotos no município, é feito com uma madeira de uma árvore chamada barriguda e enfeitado com um tipo de

musgo (regionalmente conhecido como casaca) que nascem em cima de pedras, normalmente no alto dos morros, onde o clima é mais fresco. Para prenderem uma madeira na outra e também as cascas para cobrirem a madeira é utilizado espinhos de mandacaru, planta típica na região.

todo ano eu armo o presépio [...] uso barriguda, é casca. [...] é aquela alegria, mas na hora que vai desmanchar não dá vontade nem de desmanchar [...] o costume é montar no dia 20 de dezembro, aí desmancha dia 2 de fevereiro, bastante tempo armado, aí você acostuma com ele né. (Devota 6, 2019).



Figura 18 - Presépio tradicional em fase de montagem, 2018.
Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Silvestre



Figura 19 - Presépio tradicional finalizado, 2018.
Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Silvestre

Nos últimos anos, devido o tempo seco e a falta de chuva, caiu bastante a oferta desse material na região, fazendo com que os devotos buscassem outras opções para a montagem das lapinhas, como outros tipos de madeiras, isopor, utilizando papel ou tecido no lugar das cascas e também reciclando alguns materiais na maioria das vezes.



Figura 20 - Presépio montado com outros materiais, 2018.
Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Silvestre

Comumente encontra-se na lapinha a imagem do Menino Jesus, São José, Nossa Senhora e os Reis Magos, entre outras. Os enfeites colocados no presépio são escolhidos pelos devotos, alguns põe brinquedos que simbolizam o nascimento da criança, alguns animais de barro ou de outro material, que representam o local em que o Menino Jesus nasceu e também algumas plantas nas laterais que completa a arrumação do presépio.

Para Kodama (2009, p. 159) “[...] Alguns rituais ainda são mantidos em relação aos presépios, como: só colocar o menino Jesus na manjedoura no dia vinte cinco de dezembro”. Mesmo com todas as variações em sua montagem o presépio sempre remete ao momento do nascimento de Cristo e a visita dos Reis Magos.

Alguns presépios são heranças de família, conforme nos descreve os devotos: “[...] eu todo ano gosto de montar o presépio porque mãe deixou para mim e falou que eu continuasse armando ele, olha já tem 29 anos que eu tô armando aquele presépio”. (Devota 3, 2019). “[...] Comecei montar o presépio da minha sogra

primeiro né, aí o da minha sogra já passou pra mim, que ela não arma mais, aí ela me entregou”. (Devota 6, 2019).

Para o Devoto 1 (2019) participar do Reis significa uma *“homenagem ao menino Jesus, aquele que é o salvador da humanidade que veio para nos salvar, é a nossa forma de agradecermos por todas as graças e pelo grande presente que Deus nos deu”*. Já para a Devota 3 (2019) *“Participar do Reis é motivo de muita alegria [...] O Reis é sempre muito animado, é uma tradição muito antiga, eu sou muito feliz acompanhando o Reis”*. Diante disso, percebemos que a fé e a tradição dos reiseiros e dos devotos mantém viva a manifestação cultural da Folia de Reis de Alto do Rosário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Festejada durante os meses de dezembro e janeiro, a Folia de Reis é uma expressão religiosa e popular. Tal tradição, comemorada dentro da liturgia católica do período natalino, celebra o encontro e a visita dos três reis magos ao menino Jesus. De origem Ibérica, chegou ao Brasil ainda no período colonial por meio dos colonizadores portugueses, sendo disseminada em diferentes regiões do país, onde recebeu características e variações específicas. Na cidade de Dom Basílio, localizada na região sudoeste do estado da Bahia, a festa acontece em diversas comunidades. O reisado é acompanhado por muitas pessoas que celebram junto com os reiseiros. As cores vibrantes de suas vestimentas e a energia com que cantam as músicas enquanto visitam as casas, transmitem um clima de alegria e fé que marca o encerramento desse período.

Nessa monografia analisamos o atual grupo de reiseiros de Alto do Rosário, grupo que há 50 anos mantém a tradição e a manifestação da sua devoção na comunidade. Com seus instrumentos, caminham até as casas dos devotos e, em uma espécie de encenação, cantam aos pés do Menino Deus no presépio. Além dos reiseiros, os devotos são parte fundamental para a realização do festejo, pois são eles que mantêm viva a cultura e a tradição da construção dos presépios e recebem o grupo com entusiasmo. Fica claro que a celebração tem início ainda nos preparativos, isto é, desde a armação/construção do presépio onde cada família reunida juntamente com os vizinhos, faz diariamente orações, refletindo e louvando todos os momentos da narrativa evangélica que descreve o nascimento do menino Jesus, desde a anunciação do arcanjo Gabriel até a visita dos Três Reis Magos.

Podemos perceber por meio dos relatos que coletamos, o significado que a festividade tem para a comunidade. A maior parte dos entrevistados relembra da participação no evento desde a sua infância com seus familiares, reconhecendo a importância da herança deixada por eles no que diz respeito ao sentido da comemoração transmitida por seus pais e pelos antepassados do lugar ao participarem do grupo. As Foliadas de Reis são responsáveis pela manutenção da tradição cultural do município e por estreitar as relações das comunidades locais, uma vez que o contato entre jovens e idosos, e as trocas de saberes proporcionados

por esse encontro, fortalecem os laços comunitários e familiares, o espírito de fraternidade, a fé e os valores transmitidos por gerações.

Entretanto, percebemos em seus relatos a dificuldade que encontram hoje em recrutar novos membros para o grupo para darem continuidade ao reisado, principalmente pela falta de interesse dos mais jovens e pela falta de incentivo local, que prioriza outros eventos na região. Contudo, há um esforço por parte dos reiseiros que juntamente com o mais recente apoio da prefeitura municipal da cidade, buscam manter e valorizar os ternos de Reis, promovendo encontro de reisados na sede do município, a fim de favorecer uma comunicação e troca de experiências entre os grupos. De qualquer forma, o fato do grupo estar unido, com muita vontade e empolgação, dando continuidade aos festejos todos os anos e cativando a comunidade, já é, a nosso ver, uma forma de promoverem a conservação desta tradição tão importante para o povo e conseqüentemente para a história do município.

Em suma, as entrevistas realizadas com os membros do grupo de reiseiros do Alto do Rosário, puderam confirmar nossas hipóteses do valor que essa manifestação cultural e religiosa tem para a região. As impressões que nos transmitiram em suas falas - muitas vezes emocionadas - é a importância da Folia de Reis para a cidade, a qual tem alimentado a fé e a religiosidade popular dos munícipes. Eles compreendem e reconhecem a colaboração deles na preservação desta tradição para as futuras gerações.

Esperamos que essa pesquisa possa de algum modo colaborar para manter viva a história dos reiseiros de Dom Basílio, despertar nos mais jovens o reconhecimento da importância desta tradição e da cultura local, mantendo viva assim a história centenária que é manifestada e traduzida por meio de cantos e danças. Ademais, eternizar por meio da História Oral os sentimentos dos participantes que dedicaram suas vidas para preservar a memória e a identidade daqueles que iniciaram essa tradição no município e daqueles que ainda hoje a mantêm viva, e deste modo, contribua para que os devotos da comunidade em geral possam se reconhecer não somente como agentes transformadores da história, mas também responsáveis na preservação da cultura popular que reflete e traduz essa mesma história. Viva o Santo Reis!

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena; FERNANDES, Tania Maria; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.
- ANDRADE, Mário. **Danças dramáticas do Brasil**. São Paulo: Martins Editora, 1959.
- ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção Primeiros Passos; 36).
- BÍBLIA Sagrada**. Edição pastoral. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus. 1990.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos**. 7ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1999.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. 13ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos; 60)
- BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna: Tradução Denise Bottmann**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. **O que é História Cultural: Tradução: Sérgio Goes de Paula**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CAIRES, Róbson; CAIRES, Rodrigo. **A Casa Grande de Lençóis: relações familiares entre o capitão Calisto e o major do Maranhão**. Salvador: EGBA, 2018.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10 ed. rev. atual. São Paulo: Global, 2001.
- Catecismo da Igreja Católica**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000. Disponível em: http://home.ufam.edu.br/andersonlfc/Economia_Etica/Convite%20%20Filosofia%20-%20Marilena%20Chaui.pdf. Acesso em: 05/05/2019.
- CHAVES, Danisa. **Folia de Reis na cidade de Três Corações: um estudo sobre cultura popular na Festa de Reis**. 2011. 76 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Vale do Rio Verde - UNICOR - Três Corações - MG. 2011. Disponível em: http://www.unincor.br/images/arquivos_mestrado/dissertacoes/danisa_chaves.pdf. Acesso em: 11/05/2019.
- CUNHA, Raquel Cantarelli Vieira. **Os Conceitos de Cultura e Comunicação em Raymond Williams**. 2010. 109 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, 2010. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8198/1/2010_RaquelCantarelliVieiradaCunha.pdf. Acesso em: 05/05/2019.
- DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. HISTÓRIA ORAL, 6, 2003, p. 9-25.

GONÇALVES, Maria Célia da Silva. **As Folias de Reis de João Pinheiro: performance e identidades sertanejas no noroeste mineiro**. 2010. 225 f. Tese (Doutorado em sociologia). Brasília: UnB, ICS, Departamento de Sociologia, PPGS, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/9329>. Acesso em: 05/05/2019.

GUAL, Carlos García. **A origem da lenda dos reis magos**. El País: jan. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/27/eps/1545932850_762596.html. Acesso em: 26/05/2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terence., orgs. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. **A invenção das tradições**. 11ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2017.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico**. 2009.

IBGE. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras (sertões brasileiros I)**, v. 2. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Coordenação de Geografia, 2009. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecaatologo?view=detalhes&id=232425>. Acesso em: 26/06/2019.

KODAMA, Katia Maria Roberto de Oliveira. **Iconografia como Processo Comunicacional da Folia de Reis: o avatar das culturas subalternas**. 2009. 299 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde04082009202926/publico/Folia_deReis_avatar_das_culturas_subalternas.pdf. Acesso: 12/05/2019

LEAL, Luana Aparecida Matos. **Memória, Rememoração e Lembrança em Maurice Halbwachs**. Linguagem (São Paulo), v. 18, p. 1-8, 2012.

LE GOFF, Jacques. **Historia e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 7. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2013.

LIMA, Zamana Brisa Souza. **MUSEU DO ALTO SERTÃO DA BAHIA: diálogos entre museu de território e culturas digitais**. 2016. 213 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/22646/1/dissertacao%20mestrado%20zamana%20brisa.pdf>. Acesso em: 06/06/2019.

LOURENÇO, Aliny Cristina. **A Folia de Reis em São José do Barreiro: recurso cultural brasileiro**. 2014. 128 f. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) - Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde2404201551959/publico/2014_AlinyCristinaLourenco_VCorr.pdf. Acesso: 12/05/2019.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica,

2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/109139>. Acesso: 09/05/2019.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

O Evangelho Árabe da Infância. In: **Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia**. Tradução: Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Novo Século, 2004.

ROCHA, Nilton José dos Reis. **Oralidade – e o povo sobrevive na sua fala reinventada**. *Comunicação & Informação*, 10 (1), 114-125, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/c&i.v10i1.10346>. Acesso: 09/05/2019

SILVA, Kalina Vanderlei.; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVEIRA, Aressa Egly Rios da. **A performance do palhaço e da Folia de Reis no Vale do Paraíba: jogo e ritual – a tradição em transformação**. Rio de Janeiro, 2009. 191f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: www.repositorio-bc.unirio.br. Acesso em: 09/10/2019

TANAJURA, Mozart. **História de Livramento: a terra e o homem**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2003.

WILLIAMS, Raymond. **Recursos da esperança**. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

APÊNDICES

Apêndice 1

Questionário – Reiseiros

1. Quando, aproximadamente, o grupo de reiseiros de Alto do Rosário foi criado?
2. Há quantos anos, aproximadamente, o senhor faz parte do grupo de reiseiros de Alto do Rosário?
3. Como faz para se tornar um membro do grupo?
4. O que significa para o senhor fazer parte de um grupo de Folia de Reis?
5. Com quem aprendeu a cantar, tocar e dançar reis?
6. Tem ensaio/ escolha de alguma música ou apresentação?
7. Questão livre sobre alguma memória que o senhor (a) queira contar.

Fonte: elaborado pela autora.

Apêndice 2

Questionário – Devotos


1. Como o senhor (a) começou a participar da Folia de Reis do grupo de reiseiros de Alto do Rosário??
2. Desde essa época que o senhor (a) começou para hoje em dia teve mudanças? Quais?
3. O que significa para o senhor (a) participar dos reis?
4. Já presenciou reisados em outras comunidades/cidades ou grupos de reis diferentes? Tem alguma diferença?
5. Questão livre sobre alguma memória que o senhor (a) queira contar.

Fonte: elaborado pela autora.

ANEXOS

Anexo 1

Termo de consentimento Livre Esclarecido (CEP/UNITAU) - Líder/mestre

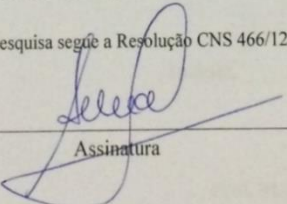



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa “Fé e Tradição: a Folia de Reis no município de Dom Basílio - BA”, sob a responsabilidade da pesquisadora “Prof. Maria Fátima de Melo Toledo.” Nesta pesquisa pretendemos “Realizar o levantamento da história do grupo de reiseiros da comunidade de Alto do Rosário no município de Dom Basílio – BA, assim como registrar e compreender, por meio dos relatos orais coletados, suas características tradicionais e seus aspectos particulares que o diferencia dos demais reisados do município. Justifica-se esse trabalho pela relevância de pesquisar a história regional, uma vez que ela pode revelar muitos aspectos de um determinado povo e sua cultura.” Por meio da “Metodologia da História Oral, fonte de pesquisa que se baseia no registro acontecimentos, modos de vida e aspectos históricos e cotidianos de determinados grupos e instituições.” Através de “gravação em áudio baseado em um questionário.” Há benefícios e riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Os benefícios consistem em “Reconhecimento, validação e valorização de suas histórias e memórias de vida, compreensão de que são agentes de construção da história e da identidade do município de Dom Basílio. Há, ainda, o retorno dos possíveis resultados da pesquisa”. E os riscos “como não entendimento da proposta da pesquisa, exposição de informações não autorizadas, desconforto com determinada pergunta e impaciência com o prolongamento da entrevista”. Entretanto para evitar que ocorram danos “, serão tomados os procedimentos adequados para evitá-los e/ou atenuá-los, tais quais esclarecimento de dúvidas decorrentes da pesquisa e/ou da entrevista, comprometimento com a privacidade dos participantes e veracidade dos relatos e cancelamento de determinadas perguntas ou da entrevista”. Caso haja algum dano ao participante será garantido ao mesmo procedimentos que visem à reparação e o direito à indenização. Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. O Sr.(a) receberá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(A) Sr.(a) não será identificado em nenhuma fase da pesquisa e nem em publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a). Para qualquer outra informação o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com o pesquisador por telefone (12) 997867834 (obs.: inclusive ligações à cobrar) ou e-mail melotoledo@gmail.com e endereço profissional: Rua Visconde do Rio Branco, 22, Centro, Taubaté-SP CEP: 12020-040, telefone: (12) 3635-5144. Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, o(a) Sr.(a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU, que tem a finalidade de defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade, na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br

O pesquisador responsável declara que a pesquisa segue a Resolução CNS 466/12.

Prof. Maria Fátima de Melo Toledo

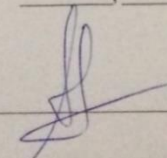

 Assinatura

Consentimento pós-informação

Autorização da Instituição para Realização da Pesquisa

Eu, _____, portador do documento de identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “Fé e Tradição: a Folia de Reis no município de Dom Basílio - BA”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações sobre a pesquisa e me retirar da mesma sem prejuízo ou penalidade. Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.


_____, _____ de _____ de 20__.



 Assinatura do(a) Líder/Mestre

Rubricas: pesquisador responsável _____ participante _____

Anexo 2

Termo de consentimento Livre Esclarecido (CEP/UNITAU) – Participantes


COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
 Professor Robison Baroni



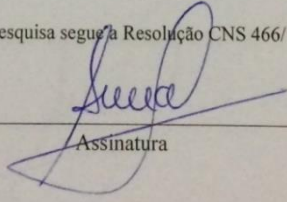
UNITAU

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa “Fé e Tradição: a Folia de Reis no município de Dom Basílio - BA”, sob a responsabilidade da pesquisadora “Prof. Maria Fátima de Melo Toledo.” Nesta pesquisa pretendemos “Realizar o levantamento da história do grupo de reiseiros da comunidade de Alto do Rosário no município de Dom Basílio – BA, assim como registrar e compreender, por meio dos relatos orais coletados, suas características tradicionais e seus aspectos particulares que o diferencia dos demais reiseiros do município. Justifica-se esse trabalho pela relevância de pesquisar a história regional, uma vez que ela pode revelar muitos aspectos de um determinado povo e sua cultura.” Por meio da “Metodologia da História Oral, fonte de pesquisa que se baseia no registro acontecimentos, modos de vida e aspectos históricos e cotidianos de determinados grupos e instituições.” Através de “gravação em áudio baseado em um questionário.” Há benefícios e riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Os benefícios consistem em “Reconhecimento, validação e valorização de suas histórias e memórias de vida, compreensão de que são agentes de construção da história e da identidade do município de Dom Basílio. Há, ainda, o retorno dos possíveis resultados da pesquisa”. E os riscos “como não entendimento da proposta da pesquisa, exposição de informações não autorizadas, desconforto com determinada pergunta e impaciência com o prolongamento da entrevista”. Entretanto para evitar que ocorram danos “, serão tomados os procedimentos adequados para evitá-los e/ou atenuá-los, tais quais esclarecimento de dúvidas decorrentes da pesquisa e/ou da entrevista, comprometimento com a privacidade dos participantes e veracidade dos relatos e cancelamento de determinadas perguntas ou da entrevista”. Caso haja algum dano ao participante será garantido ao mesmo procedimentos que visem à reparação e o direito à indenização. Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. O Sr.(a) receberá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(A) Sr.(a) não será identificado em nenhuma fase da pesquisa e nem em publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a). Para qualquer outra informação o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com o pesquisador por telefone (12) 997867834 (obs.: inclusive ligações à cobrar) ou e-mail melotoledo@gmail.com e endereço profissional: Rua Visconde do Rio Branco, 22, Centro, Taubaté-SP CEP: 12020-040, telefone: (12) 3635-5144. Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, o(a) Sr.(a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU, que tem a finalidade de defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade, na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br

O pesquisador responsável declara que a pesquisa segue a Resolução CNS 466/12.

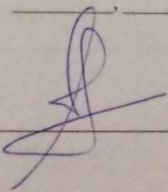
Prof. Maria Fátima de Melo Toledo


 Assinatura

Consentimento pós-informação

Eu, _____, portador do documento de identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “Fé e Tradição: a Folia de Reis no município de Dom Basílio - BA”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações sobre a pesquisa e me retirar da mesma sem prejuízo ou penalidade. Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

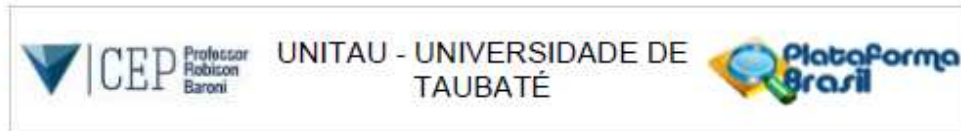
_____ de _____ de 20__.


 Assinatura do(a) participante

Rubricas: pesquisador responsável _____ participante _____

Anexo 3

Parecer de aprovação do Comitê de Ética



Continuação do Parecer: 3.205.736

Pesquisa: APROVADO

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1216643.pdf	04/03/2019 23:42:43		Aceito
Outros	Carta_resposta_pendencias.pdf	04/03/2019 22:59:49	MARIA FATIMA DE MELO TOLEDO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_lider.pdf	04/03/2019 22:11:23	MARIA FATIMA DE MELO TOLEDO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa.pdf	04/03/2019 21:49:29	MARIA FATIMA DE MELO TOLEDO	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	04/03/2019 21:49:05	MARIA FATIMA DE MELO TOLEDO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_participante.pdf	04/03/2019 20:54:32	MARIA FATIMA DE MELO TOLEDO	Aceito
Outros	Termo_de_Compromisso.pdf	10/09/2018 22:48:29	MARIA FATIMA DE MELO TOLEDO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	10/09/2018 22:40:47	MARIA FATIMA DE MELO TOLEDO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TAUBATE, 18 de Março de 2019

Assinado por:
José Roberto Cortelli
(Coordenador(a))